

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

**"O SILÊNCIO É UMA PRECE": COMUNICAÇÃO E A ESCUTA DO HOMEM BRANCO
HETEROSSEXUAL NO *SLAM***

Douglas de Oliveira Freitas

PORTO ALEGRE
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

**"O SILÊNCIO É UMA PRECE": COMUNICAÇÃO E A ESCUTA DO HOMEM BRANCO
HETEROSSEXUAL NO *SLAM***

Douglas de Oliveira Freitas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
junto ao curso de Jornalismo da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Basílio Sartor

Coorientador: Arthur Walber Viana

PORTO ALEGRE
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado "O SILÊNCIO É UMA PRECE": COMUNICAÇÃO E A ESCUTA DO HOMEM BRANCO HETEROSSEXUAL, de autoria de DOUGLAS DE OLIVEIRA FREITAS, estudante do curso de COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO, desenvolvido sob minha orientação.

Porto Alegre, 22 de dezembro de 2017



Prof. Dr. Basilio Sartor

DOUGLAS DE OLIVEIRA FREITAS

**"O SILÊNCIO É UMA PRECE": COMUNICAÇÃO E A ESCUTA DO HOMEM BRANCO
HETEROSSEXUAL NO SLAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
junto ao curso de Jornalismo da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Aprovado em: _____

Componentes da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Basílio Sartor
Orientador - UFRGS

Prof. Dr. Márcia Veiga da Silva
Examinadora - Unisinos

Prof. Dr. Ana Liberato Tettamanzy
Examinadora - Instituto de Letras - UFRGS

PORTO ALEGRE
2017

AGRADECIMENTOS

Aos que me mostram os caminhos e a potência da entrega à vida. Nanda Barreto, Laura Spritzer Galli, Henrique Weiss, Ana Claudia Fraga, Sofia Robin, Júlia Pezzi, Vanesa Arduin, Jéssica Zambrano, Alice Santos, Guilherme Gutierrez, Andreia Golembieski, Patrícia Gonçalves, Larissa Machado, Emerson Santin, Arthur Viana, Marcelo Hailer.

À minha mãe, Margarete, e ao meu pai, João, por me permitirem ser. Sem eles, nada seria. À minha mãe, pelo aprendizado mútuo de convivência e respeito. Por me ensinar a não olhar só para si. Por toda sua dedicação em me indicar caminhos na busca de ser um homem gente boa. Ao meu pai, pelos ensinamentos que seu silêncio me traz. Pelo seu abraço apertado.

À Laura, por ser militante e praticante do amor em tempos de golpe e mostrar o quanto é transformador amar, a si e aos de pertinho. Pelas árduas conversas sobre branquitude, por me escutar em reflexões, muitas vezes inadequadas, sobre o machismo. Trocas fundamentais na construção do que sou e deste trabalho. Por ter me feito sentir o amor, olho no olho, no coração e com a pele.

À Sofia, pela postura inspiradora. Pelos ensinamentos transformadores, que estão contidos, de uma forma ou outra, neste trabalho. Principalmente por dois, o de “habitar o presente” e o da importância de refletir sobre os ímpetos masculinos.

À Nanda, pela poesia, pelo Yoga, pela presença. Por sempre me mostrar meu lado bom e me ensinar tanto sobre autocuidado. Pela nossa amizade de tantas vidas.

Ao Basílio Sartor, pela orientação cordial, instrutiva e solícita, que me guiou na busca por um trabalho sério.

Ao Arthur, pela paciência na coorientação e na nossa amizade. Amizade que se reconfigura e se perpetua no compartilhamento de sonhos semelhantes.

À Ana Tettamanzy e à Márcia Veiga, mulheres que admiro, por se disporem a lerem este trabalho.

Ao movimento *slam*, pela esperança que me penetra através do lirismo e da juventude. Por ocupar o espaço público de forma tão potente. À Cristal Rocha, Natália Gasparini (Nati Gaspa), Mariana Bavaresco, Mel Duarte, Bruno Negrão, Josemar Afrovulto, Janove, Rafael Delgado e diversos outros slammers, pelas injeções profundas de consciência, por compartilharem o seu talento.

À Nati Gaspa, Maite Cidade, Shaiana Souza, Marina Minhote, Elisa Delfino, Laura Galli, Luise Brolese, Henrique Weiss, Fabiane Crescêncio, Bárbara Gonçalves, pelas trocas de ideias e colaborações a esta pesquisa.

Ao Ramiro, Mathias, Rafael, Antônio e Eduardo, pela participação neste trabalho, por se proporem a pensarmos juntos sobre nossa branquitude e masculinidade. Por se disporem.

Ao Renato, pelas indicações de emprego, que garantiram tranquilidade no período desta pesquisa. Pelas risadas que se multiplicam quando estamos juntos.

Ao Amigos da Terra, pelo suporte durante o período de realização desta pesquisa e pelas oportunidades que me proporciona de conhecer realidades diversas. Aos companheiros de luta, meu carinho e gratidão. Fernando Campos, Letícia Paranhos, Andreia Golembieski, Patrícia Gonçalves, Lúcia Ortiz, Arthur Viana, Fábio Schuch, Rosângela Pinheiro (Rose), Marília Gonçalves, Ernesto Jara, Lia Gonçalves, Mônica Gonçalves, Eduardo Gonçalves, Pietro Gonçalves, Maíra Gonçalves, Vera Gonçalves, Felipe de Freitas, Felipe Bischoff, Violeta Fontoura, Maria Eduarda Appel, Danielli Cantelli, Guilherme Gutierrez, Dona Regina.

Às pessoas que que convivi em algum momento, pelas inspirações de força, de afeto, de esperança. Por serem espelho. Pelas distintas perspectivas no caminho para dentro de mim. Leide Margarete de Oliveira Freitas, Santa Luiza Correia, Cláudia Correia, Karine Becker, Alice Correia, Jéssica Zambrano, Sandra Santos Correia, Terezinha, Marinice Porciuncula, Luciane Sparrenberger, Gabriela Correia, Rafaela Correia, Geneci Freitas, Alessandra Pires, Lucia Pires, Maria Conceição Freitas, Edy Marlene, Grasiela Rosa, Nanda Barreto, Larissa Machada, Laura Galli, Mirna Spritzer, Júlia Pezzi, Lisiane Brolese, Luise Brolese, Ana Claudia Fraga, Sofia Robin, Sinara Robin, Karol Bitello, Isadora Lunardi, Linaia Palácio, Mariana Denardi, Renata Ibis, Fabiane Crescêncio, Marie Jafy, Brunna Rosa, Gisele Barbieri, Carla Joner, Luiza Muller, Ana Elizabeth Soares, Raquel Ledur, Charlotte Dafol, Ana de Carli, Claudia Ávila, Gabrielle Araújo, Tara Burke, Veridiana Farias, Fernanda Poletto, Andreia Golembieski, Patrícia Gonçalves, Leticia Paranhos, Antu, Gabriela Mattos, Melina Perussatto, Verena Costa. João Acácio, Pedro Henrique do Nascimento, Leonardo Foletto, Fernando Campos, Guilherme Gutierrez, Mauri Zaniratti, Samuel Pereira, Robinson Rogério, Rodrigo Alberto Moraes, Cláudio Klippel, Henrique Weiss, Eduardo Osório, Rudinei Morales, Marcos Castilhos, Paulo Bettanzos, André Kist, Silvio Lucena, Rodrigo Apolinário, Yvan Etienne, Sidarta, Karu, Ramiro Simch, Vinicius Nunes, Gabriel Hoewell, Arthur Viana, Emerson Santin, Tom Nunes, Marcelo Hailer, Edson Campos (Beijo), Deivyd Santos, Cícero Gomes de Almeida, Gerson Padilha, Mario Preguiça, Fabricio Trajano, Eldes Malaquias, Robson Marçal, Eder Angelito, Ronaldo Borges, Waldir Nunes, Seu Mugica, Paulo Dutra, Horácio Oliveira, Luiz Rogério Borges da Silva, Alexandre Santos, Seu Brandino, Claudio Correia, Santos Correia, José Luís Correia, Alessandro Correia, Márcio do Nascimento, Iuri Almeida, Manoel dos Porongos, Luis Galli, Carlos Junior, Rafael Oliveira, Jonathas Nunes, Leonardo Pires, Douglas Barbosa.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, universidade pública e gratuita, que me possibilitou um ensino de qualidade e o encontro com diversas pessoas interessantes e inspiradoras.

À Comgrad do Jornalismo, na figura de Marcia Benetti e Sean Hagen, pela paciência e compreensão.

Ao professor Wladimir Ungaretti, fundamental na minha trajetória com o jornalismo. Por suas lições sobre o olhar, que guiam meu trabalho fotográfico.

À Comunidade do Arvoredo, pelo colorido, que respiro e mastigo. Pela estrutura de cuidado.

A conclusão deste trabalho é um encerramento de um ciclo que, por vezes, pensei que não se encerraria. Sou muito grato a todos que me incentivaram a terminá-lo. Espero poder comemorar com cada um.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender os sentidos que o homem branco heterossexual atribui à experiência de escuta no *slam*, competição de poesia que se espalha pelo Brasil nos últimos anos e que tem o protagonismo dos negros e das mulheres. Partindo da perspectiva de que o homem branco possui o privilégio histórico de fala na sociedade, colocar-se no lugar de escuta é um deslocamento. Busca-se, portanto, entender como este deslocamento contribui na criação de uma política de escuta e na comunicação entre o Eu e o Outro, permitindo e fortalecendo a convivência e a coabitação no espaço público. Além disso, a pesquisa propõe-se a discutir a branquitude e entender as responsabilidades do homem branco hétero nas lutas antirracismo e antimachismo. Para abordar os conceitos pertinentes à proposta de investigação, foram acionados como referenciais teóricos autoras e autores como Cardoso (2010, 2014), Djamila Ribeiro (2017), Jovchelovitch (2008), Kilomba (2016), Marcondes Filho (2004, 2015), Mombaça (2017), Silva (2010), Souza (2017), Tiburi (2015, 2017) e Wolton (2006, 2010). Além de estudo bibliográfico, foi usada metodologia qualitativa, por meio da realização de um grupo focal com cinco homens brancos e heterossexuais ouvintes do *slam*. Os relatos obtidos a partir da discussão do grupo foram analisados, interpretados e categorizados por meio da Análise de Conteúdo. O trabalho conclui que a experiência da escuta para homens brancos pode ser incômoda, gerar consciência sobre os próprios machismos e racismos e ser um ato de pertencimento e convivência.

Palavras-chave: Comunicação; branquitude; *Slam*, lugar de fala, política de escuta.

ABSTRACT

This work aims to understand the meanings heterosexual white man attributes to the experience of listening in slam, a poetry competition that has spread throughout Brazil in recent years and where blacks and women have the protagonism. Coming from the perspective that white man has the historical privilege of speech in society, putting himself in the listening position is a displacement. Therefore, the research seeks to understand how this displacement contributes in the creation of a politics of listening, and thus how it contributes in the communication between the Self and the Other, allowing and strengthening the coexistence and cohabitation in public space. In addition, the research discusses whiteness and the responsibilities of heterosexual white man in the anti-racism and anti-machism struggles. To address the concepts pertinent to the research proposal, authors such as Cardoso (2010, 2014), Djamila Ribeiro (2017), Jovchelovitch (2008), Kilomba (2016), Marcondes Filho (2004, 2015), Mombaça (2017), Silva (2010), Souza (2017), Tiburi (2015, 2017) and Wolton (2006, 2010) were used as theoretical references. In addition to a bibliographic study, a qualitative methodology was used, through the establishment of a focal group with five heterosexual white men who are slam listeners. The reports obtained from the group discussion were analyzed, interpreted and categorized through Content Analysis. The work concludes that the experience of listening can be uncomfortable for white men; it generates awareness about their own machismo and racism; and it can also be an act of belonging and coexistence.

Keywords: Communication; whiteness; Slam; place of speech; politics of listening.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 COMUNICAÇÃO, A RELAÇÃO COM O OUTRO E A COABITAÇÃO	17
2.1 Comunicação é a relação com o outro	17
2.2 A incomunicação	18
2.3 Reconhecer outras perspectivas, assumir as diferenças	19
2.4 Coabitação	20
3. PRIVILÉGIO BRANCO, LUGAR DE FALA E POLÍTICA DE ESCUTA	24
3.1 O privilégio branco cotidiano e o histórico social e cultural de desigualdades do Brasil	25
3.2 Invisibilização de narrativas	30
3.3 Lugar de fala e política de escuta	37
4. O PAPEL DE ESCUTA NO SLAM	46
4.1 O que é o <i>slam</i> ?	47
4.1.1 O Surgimento do <i>slam</i>	48
4.1.2 O <i>slam</i> no Brasil	50
4.1.3 O <i>slam</i> no Rio Grande do Sul	52
4.2 A representatividade no <i>slam</i>	54
4.3 O silêncio é uma prece	59
5 ESCUTANDO OS HOMENS BRANCOS HÉTÉROS SOBRE A ESCUTA NO SLAM	62
5.1 Metodologia	62
5.2 Perfil dos participantes	64
5.3 Realização do grupo focal e processo de análise	65
5.4 A condição do homem branco, lugar de fala e relação com a escuta	67
5.5 A escuta no <i>slam</i>	73
5.5.1 Consciência do Racismo e Aprendizado	74
5.5.2 Incômodo	75
5.5.3 Convivência	77
5.6 Considerações gerais sobre a experiência do Grupo Focal	78
6 CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICES	87

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora de ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros.
("E eu não sou uma mulher?" Sojourner Truth, 1843)

Eu sou homem, branco e heterossexual.
Teoricamente, isso faz de mim,
um bosta.
Mas calma!
É estatístico, pode comprovar.
Mas não precisa ser estático. Vamos caminhar!
Que fique claro ou escuro
não falo de mim, só do meu umbiguinho
porque eu não estou falando de indivíduo, de caráter, de bondade
eu estou falando de história, irmão, de patriarcado, de sociedade,
daquilo que é maior, que envolve a gente, que molda a mente.
Eu tô falando do tempo.
Eu tô falando desse tempo que nós vivemos.
Do passado, que passou, mas ficou.
("O burguês que deu errado", Beto Belinatti)

1 INTRODUÇÃO

Na visão moderna de mundo, o homem branco eurocêntrico é o ser universal, dono da verdade única. Outras perspectivas tendem a ser invisibilizadas através de sua reprovação discursiva ou apagadas através da violência direta. O colonialismo foi e é agente deste processo no Brasil. A sociedade brasileira, influenciada por esta perspectiva e forjada por 400 anos de escravidão, sustenta, com seu racismo estrutural, os privilégios da parcela branca da população, o que inclui as oportunidades de fala, de criação de conhecimento, de elaboração de discursos. A desigualdade oriunda deste sistema diz respeito não só ao ato de poder falar, mas ao direito (ou negação) da própria existência de outras parcelas da população, como os negros, as mulheres, os homossexuais, as transexuais, os povos originários, etc.

Este cenário estruturou a sociedade, construiu a narrativa epistemológica em espaços como a Universidade e o Jornalismo e influencia diretamente na relação do Eu com o Outro. A perspectiva única do mundo é um fator que desconsidera a alteridade, o que acarreta na incomunicação entre os diferentes. Nas redes sociais ou nas ruas, a impressão é de uma intensa comunicação entre todos, mas o risco é alto do fechamento em comunidades. Seja para a manutenção de privilégios, seja para se proteger de preconceitos. A possibilidade de romper com esta lógica e estabelecer a comunicação é através do afinamento da Relação do Eu com o Outro, rompendo a lógica das desigualdades e reconhecendo a existência de outras perspectivas. A partir daí, buscar a convivência e a coabitação entre as diferenças.

É neste contexto que o *slam*, competição de poesia surgida nos anos 1980 nos Estados Unidos e que vem ganhando as ruas do Brasil nos últimos anos, se configura como um espaço de contraponto ao protagonismo discursivo branco e pode ser um espaço de coabitação entre diferentes. A maioria das edições do *slam* acontece em espaço público. Durante cerca de três horas, dezenas de pessoas, guiadas pelo lema "o silêncio é uma prece", escutam sobre outras perspectivas de mundo. Negros e mulheres são protagonistas, com poesias com temáticas sobre racismo estrutural, negritude, branquitude, machismo, violência do Estado. E também amor. Na plateia, o branco escuta.

Focado na experiência do homem branco heterossexual como ouvinte no *slam* e levando em consideração o contexto de privilégios e preconceitos do Brasil, estabeleço como problema de pesquisa a seguinte questão:

- Que sentidos o homem branco e heterossexual atribui à experiência de escuta no *slam*?

Como objetivo geral, busco compreender os sentidos que o homem branco heterossexual atribui à experiência de escuta no *slam*, refletindo sobre o processo de deslocamento do lugar de fala para o lugar de escuta e discutindo como este deslocamento pode contribuir para a comunicação e a convivência entre diferentes.

A intenção também é apresentar uma perspectiva histórica do *slam* no Brasil, com foco no contexto de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul; problematizar o papel do homem branco, relacionando lugar de fala e lugar de escuta; destacar práticas que podem contribuir para uma política de escuta; investigar, com uma perspectiva de reparação histórica, as responsabilidades do homem branco na discussão e combate ao racismo e ao machismo.

O estado da arte do *slam* ainda é escasso em trabalhos acadêmicos realizados no Brasil e, no que se refere às edições do evento em Porto Alegre, inexistente. Para além disso, a maioria dos trabalhos elaborados por pesquisadores brancos que tocam na cultura negra tende a tratar esta população como “negro-tema” (CARDOSO, 2010)¹. Em um evento de protagonismo negro como é o caso do *slam*, ao invés de analisar questões relacionadas à negritude, às ações do negro neste espaço, interessa aqui, pelo contrário, entender como se dá a presença e a experiência do homem branco. Entendo que a discussão da branquitude é uma das responsabilidades epistemológicas de pesquisadores, jornalistas e escritores brancos no combate ao racismo. Para além disso, é pertinente dizer que sinto este estudo não como verdade única. É uma constatação situada, percebida pela perspectiva de pesquisador branco, com os conhecimentos e vivências que tive até aqui, na academia, no *slam* e no mundo. Foca na opressão e privilégio do homem branco hétero, mas não ignora que sempre houve resistência dos negros, das mulheres, dos povos originários, dos LGBTQs e dos demais grupos que são oprimidos por uma perspectiva que impõe sua dominância.

1 “O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora, como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção”, (RAMOS, 1957, p. 171)

Para atingir os objetivos propostos, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, por meio da realização de um grupo focal, tendo como referência Rosaline Barbour (2008), com a participação de cinco homens brancos héteros que assistiram no mínimo duas vezes o *slam*. Os relatos obtidos a partir da discussão foram analisados, interpretados e categorizados de acordo com a metodologia da Análise de Conteúdo, a partir das referências de Bardin (1977).

Assim, esta monografia está organizada da seguinte forma.

No capítulo 2, após esta Introdução, aborda-se a questão da comunicação, fundamento para a reflexão pretendida sobre fala e escuta. Com base nos conceitos de Sandra Jovchelovitch (2008), Marcondes Filho (2004, 2015) e Wolton (2006, 2010), são abordados temas como a relação do Eu com o Outro; o horizonte da incomunicação na comunicação e a necessidade de retomar a perspectiva da alteridade; a urgência de assumir as diferenças entre as pessoas e de reconhecer as distintas visões de mundo. Por fim, enfatizo como o sucesso da comunicação está relacionado com a negociação de diferentes perspectivas e tem a ver com um processo de coabitação e convivência.

No capítulo 3, abordo de forma ampla as desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais do Brasil. Essas desigualdades se baseiam em marcadores diversos, relacionados a raça, gênero, sexualidade. Destaco as condições que oprimem minorias e que proporcionam vantagens estruturais para o homem branco heterossexual. Falo de como se dão estes privilégios, principalmente no que diz respeito ao privilégio de fala. Este capítulo traz alguns referenciais sobre a definição de “branco” e de “branquitude”, que significa a pertença étnico-racial atribuída ao branco (CARDOSO, 2014), os privilégios implicados por esta condição, o que é lugar de fala e, por fim, o que é uma política de escuta.

No capítulo 4, apresento algumas definições do que pode ser o *slam*, um olhar sobre seu histórico e sobre sua chegada no Brasil e em Porto Alegre. Para isso, é usado, para além de algumas pesquisas, bastante material jornalístico, com matérias e entrevistas. Isso devido ao fato de o *slam* ainda ser um assunto ainda pouco (ou nada) abordado dentro da academia, principalmente no que diz respeito ao evento no contexto de Porto Alegre, RS.

No capítulo 5, apresento os dados da pesquisa empírica sobre a experiência de escuta no *slam*. O leitor encontra neste espaço informações sobre a metodologia usada na

pesquisa, o perfil dos participantes, como se deu a realização do grupo focal e a análise do conteúdo dos relatos obtidos a partir da discussão do grupo. A partir desse trabalho de análise e categorização, demonstro neste capítulo como a experiência de escuta no *slam* provoca, nos sujeitos que são foco do estudo, sentidos que vão do incômodo ao aprendido, de pertencimento a um aumento da consciência sobre o racismo. Este trajeto contribui na compreensão de como é, para o homem branco heterossexual, estar no lugar de escuta (praticando uma política de escuta) no contexto do *slam*.

No sexto e último capítulo, apresento as considerações finais, retomando o percurso da pesquisa e mencionando possibilidades de aprofundamento investigativo acerca da temática abordada.

2 COMUNICAÇÃO, A RELAÇÃO COM O OUTRO E A COABITAÇÃO

A vida humana e, portanto, a comunicação, necessariamente passam pela relação do Eu com o Outro. Relação que não é fácil e que muitas vezes resulta em um processo de incomunicação. Para minimizar os efeitos deste processo e construir relações que possibilitem a efetivação da comunicação, é preciso reconhecer a alteridade, assumir as diferenças entre as pessoas e as distintas perspectivas sobre o mundo. Em resumo, é preciso entender que não há perspectiva única. Só assim, com teor de negociação do Eu com o Outro, se pode chegar ao sucesso da comunicação, que, para Wolton, acontece por meio do processo de coabitação, convivência. Neste capítulo, estes pontos são desenvolvidos a partir das reflexões de Wolton (2006, 2010), Marcondes Filho (2004, 2015) e Jovchelovitch (2008), de forma relacionada com a experiência do *slam*.

2.1 Comunicação é a relação com o outro

A comunicação está estritamente ligada à relação do Eu com o Outro. O ato de comunicar implica a busca de identidade e autonomia (WOLTON, 2006) e, esse caminho só tem sentido através da existência do outro e do reconhecimento mútuo (WOLTON, 2010). É preciso reconhecer o outro e ir ao seu encontro. “Comunicar é [...] admitir a importância do outro, portanto, aceitar nossa dependência em relação a ele e a incerteza de ser compreendido por ele” (WOLTON, 2006, p. 15). Portanto, não há comunicação sem o outro e sequer há vida humana (JOVCHELOVITCH, 2008), já que “é na relação com entes significativos que encontramos, tanto os recursos ontológicos, como os sociais, para sermos o que somos”. Este reconhecimento não é tarefa fácil, é uma relação que configura um risco na efetivação da comunicação. No entanto, não há comunicação sem esse risco (WOLTON, 2006). Para o autor, é preciso assumi-lo, assim como é preciso assumir que o horizonte da comunicação é justamente a incomunicação.

2.2 A incomunicação

À primeira vista, perceber a incomunicação pode soar como um fracasso. No entanto, Wolton (2006) vê essa percepção como um progresso, visto que a incomunicação sempre existiu, mas agora é possível olhar para ela e assumi-la. O autor faz uma analogia com a perspectiva da diferença entre democracia e regimes autoritários:

É como se se dissesse, na política, que a existência de oponentes é a prova do fracasso da democracia. Isto é dito nas ditaduras, onde não se tolera a via dissidente, mas não na democracia, onde justamente admite-se a pluralidade dos pontos de vista. O autoritarismo é a unidade. O fato democrático é a alteridade. Por analogia, o mesmo acontece entre a incomunicação e a comunicação (WOLTON, 2006, p 148).

Entender que podem ocorrer deslizes na relação com o outro e a comunicação não se concretizar é um fato que Wolton (2006) vê como uma forma de respeito ao outro, é admitir a liberdade do outro, com suas diferenças de percepção sobre o que emitimos e com os desencontros entre possíveis identidades distintas. É necessário lidarmos com esse risco pois não podemos escapar desta relação com o outro, que Jovchelovitch (2008) vê como um imperativo de nossa constituição biológica e social. E nem sempre essa relação é bem-sucedida. “Mesmo uma análise rápida da história de nossas relações com a alteridade irá mostrar que ela é feita de medo, segregação, dominação, exclusão e violência” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 212). Ainda neste trabalho, veremos como a interação entre a elite masculina e branca do Brasil com povos originários, negros, população LGBT e mulheres está calcada em um histórico de opressões, segregação e violência.

A dificuldade de abrir-se ao outro e de aceitá-lo pode produzir, além das dificuldades de se comunicar, o que Wolton chama de “refúgios de identidades”, conceito interessante para este trabalho, no que diz respeito às segregações da sociedade. Para Wolton (2006, p. 152), existem na realidade duas *identidades-refúgios*: “aquela dos *excluídos* em relação à globalização e aquela dos favorecidos, como reação isolacionista em relação a um mundo aberto do qual eles são, contudo, beneficiários, mas que temem como uma ameaça”. Trazendo essa reflexão para o espectro deste trabalho, entendo que aqui se pode ver, na primeira realidade, o feminismo, o movimento negro, os povos originários, a população

LGBT. Na segunda, um isolacionismo, apoiado na estrutura das instituições brasileiras, da população branca, no intuito, mesmo inconsciente, de manter seus privilégios.

Segundo Wolton (2006), o mundo aberto, através das tecnologias de comunicação, não foi efetivo, até o momento, na diluição dessas identidades-refúgios.

Poderíamos crer que mais informações, mais janelas abertas para o mundo, mais imagens do outro, teriam contribuído para reduzir os estereótipos e os conformismos em proveito de mais tolerância. Naturalmente, a longo prazo esta é a tendência, mas a curto prazo é muitas vezes o imobilismo que prevalece, trazendo por vezes ainda mais conformismo. Por quê? Porque o outro é uma ameaça quando tudo é aberto, cada um então se fecha em suas próprias certezas, com uma maior quantidade de informações. (WOLTON, 2006, p 152)

Romper com essas identidades-refúgios a fim de provocar a interação e possibilitar uma comunicação real entre os diferentes diz respeito, para Marcondes Filho (2015), com o ato de “se despir”: “É necessário que o EU se abra para sentir o outro e isso exige uma postura ética do EU para considerar o outro e que há uma humanidade atrás dele, portanto, é a alteridade que comunica”. Em um contexto de cada vez mais intolerância, conviver diz respeito a interessar-se pelo outro, respeitá-lo em suas diferenças. Segundo Wolton, é preciso reintroduzir a alteridade na comunicação (WOLTON, 2006, p 150). O autor acredita que esta ação deveria estar empenhada na construção de um mundo mais tolerante através de esforços conjuntos de conhecimento e de reflexão. Entendo o *slam* como uma oportunidade para isso (este ponto aparece com detalhe na análise dos dados do grupo focal, no capítulo 5), já que é um espaço em que o aprendizado potencializa a troca de conhecimento e provoca reflexões sobre as diferenças que compõem os participantes – poetas e público - e as opressões e privilégios oriundos disso.

2.3 Reconhecer outras perspectivas, assumir as diferenças

A necessidade de se despir para reconhecer o outro passa, ao meu ver, pelo aprendizado de como levar em consideração a perspectiva desde onde este outro propõe sua verdade, histórica, social e psicológica. É um processo que implica reconhecer a existência de diversas perspectivas sobre o mundo, os sentimentos, etc., e que caminha lado

a lado com a consciência de descentralização da perspectiva do Eu. Em outras palavras, entender que a nossa visão de mundo não é única e nem a principal.

A tomada-de-perspectiva e o reconhecimento são, primeiro e principalmente, processos de descoberta da diversidade e da capacidade para viver com a pluralidade, renunciando, ao mesmo tempo, à onipotência de uma visão autocentrada. A diversidade e a pluralidade dão ao Eu sua identidade e fundamento ontológico permitindo a ele tanto se reconhecer como um como renunciar à fantasia onipotente do ser único. (JOVCHELOVITCH, 2008, p.230)

No nível pessoal, este reconhecimento de perspectivas permite o estabelecimento do Eu (JOVCHELOVITCH, 2008), o que remete à busca pela autonomia e identidade citada por Wolton. É uma afirmação da identidade própria, no entanto, não no sentido de se fechar nas identidades-refúgios já mencionadas aqui, mas no sentido de se referenciar, entender seu lugar no mundo. O que está diretamente ligado ao debate sobre lugar de fala presente no capítulo seguinte.

Já ao nível de comunidade, reconhecer perspectivas permite o estabelecimento de uma esfera pública democrática e moral. Neste sentido, entendo que o que evidencia Jovchelovitch nos leva ao que Wolton chama de coabitação. Segundo Wolton (2010, p 27), ontem, comunicar era compartilhar e reunir, ou unir. Hoje, é mais conviver e administrar discontinuidades. “Construir a coabitação é refletir sobre as condições de um mínimo de inter-relação que respeite as diferenças” (WOLTON, 2006, p 147), isto é, significa a possibilidade de dividir espaços (físicos e simbólicos) sem produzir desigualdades.

2.4 Coabitação

A coabitação diz respeito à possibilidade de um encontro real, em especial, fora das redes sociais e do mundo virtual em geral. “É fundamental sair das redes tecnológicas para experimentar novamente a “realidade real”, humana, social e afetiva. As ‘amizades virtuais’ precisam reencontrar a realidade, pois é nelas que, desligadas as máquinas, está o grande desafio” (WOLTON, 2010, p 41). Ao meu ver, as amizades virtuais precisam ser problematizadas, mas não se pode excluir o seu potencial de vínculo. No entanto, estas reflexões de Wolton sobre o encontro “real”, presencial, se encaixam na nossa análise sobre o *slam*, ainda mais que o autor (2006, p. 118) destaca que, se dado em espaço público, os

encontros têm papel evidente, ao mesmo tempo de estabelecimento de relações, de inteligibilidade, de coabitação e de confrontação.

Para além destes elementos, o encontro presencial traz distintos aspectos comunicacionais:

No face a face há excesso de sinais, redundâncias, discrepâncias, jogo de afirmações e negações ao mesmo tempo, abundância expressiva, redundância-pleonasma, entropia. Perda de capacidade de discernimento pelo jogo de labirintos” (MARCONDES FILHO, 2004, p 96).

Ponto de destaque da importância do encontro presencial é o fato de que a coabitação, a negociação entre emissor e receptor, como diz Marcondes Filho, se dá através de elementos que vão além da palavra:

Cada um sabe bem, no entanto, que um gesto, um olhar, um sorriso podem muito mais do que palavras. Sem falar dos silêncios que muitas vezes afirmam o contrário das palavras e dos gestos. Ontem, o horizonte normativo consistia em conseguir entrar em comunicação. Hoje, consiste antes de tudo em administrar a incomunicação, por meio da negociação, para construir condições de convivência (WOLTON, 2010, p 18).

O silêncio como comunicação é elemento essencial no *slam*, já que quase 100% de suas edições no Rio Grande do Sul não são microfônicas, ou seja, o silêncio é condição necessária para que as declamações possam ser ouvidas pelo público desses eventos. Para além disso, através do ato de ouvir no *slam*, o participante dedica um mínimo de tempo, de respeito, de confiança mútua, elementos essenciais, segundo Wolton (2010), para a comunicação. Diz respeito ao ato de “se despir”, citado anteriormente.

Ao compreender o silêncio e o vazio como tentativas do EU para se encontrar o outro, observa-se uma nova atmosfera comunicativa, porque cabe ao EU se posicionar e se abrir ao outro para juntos construírem, verdadeiramente, a comunicação que implica interação, transformação e criação”. (VICENTE ; FERREIRA, 2016, p. 128)

Neste caminho, da busca de reconhecimento da alteridade, da coabitação, Wolton (2010) destaca o processo de construção da convivência como sendo uma ação. É um processo que necessita de um deslocamento, visto que precisa de igualdade entre os

protagonistas ou não há negociação. Entendo que o fato de o homem branco se colocar como ouvinte no *slam*, onde o protagonismo é dos negros e das mulheres, se configura como este deslocamento. Isso porque, como veremos no capítulo 3, o homem branco possui o privilégio de fala na sociedade brasileira. Sair deste lugar, entendo como sendo uma negociação no caminho para o que Wolton (2010) chama de convivência, possibilitando a própria efetividade da comunicação.

A comunicação é o aprendizado da convivência num mundo de informações onde a questão da alteridade é central. Se a liberdade de informação nunca é definitiva, a organização pacífica de pontos de vista contraditórios o é ainda menos. Em qualquer situação, as duas são questões políticas na medida em que dizem respeito à paz e à guerra entre os homens (WOLTON, 2010, p 88).

Focar energia no entendimento da comunicação, esse esforço pela convivência, reconfigura as relações e também os espaços públicos, o que contribui, segundo Wolton (2010, p. 25), na construção de outros laços sociais, que unem, numa mesma sociedade, indivíduos, grupos, comunidades e classes sociais que tendem à divisão.

Os processos de informação e de comunicação contribuem para estruturar, por meio das múltiplas interações, um novo espaço público baseado num vínculo social mais dinâmico e frágil. A valorização do conceito de convivência ajuda a renovar a reflexão sobre a natureza do laço social nas sociedades contemporâneas, nas quais as interações entre os protagonistas são mais numerosas e contraditórias (WOLTON, 2010, p. 25).

Portanto, entendo que o *slam* também é uma experiência de construção de laços sociais. O que contribui com a coabitação, a convivência, além de permitir o enfrentamento de duas ideologias que, segundo Wolton (2010), ameaçam a comunicação: o individualismo (que seria a redução da comunicação à expressão e à interatividade) e o comunitarismo (isto é, a marginalização da questão da alteridade e a possibilidade do encerramento em espaços virtuais). Para Wolton (2010, p. 42), a possibilidade de interagir com os semelhantes em qualquer parte do mundo não facilita naturalmente a convivência com o diferente, o estrangeiro, o imigrante ou simplesmente aquela pessoa que mora no bairro a poucos quilômetros de distância, mas com quem não se tem contato.

O par cidade-mídia pode ou permitir a criação de mais laços no seio de uma sociedade multicultural, ou aumentar o apartheid e constituir um acelerador de conflitos sociais e culturais. Em outros termos, o risco para o amanhã é o de uma cidade tentacular, mas compartimentada em comunidades, onde a onipresença das técnicas de informação serviria somente para regular as relações entre comunidades (WOLTON, 2006, p. 118).

As duas ameaças trazidas por Wolton reforçam a necessidade de convivemos, de negociarmos, apesar de e por causa das diferenças. Para o autor, a jornada do presente para comunicar é essa obrigação de organizar a coabitação. Se com tempo, melhor:

A velocidade da informação, inseparável de certa vertigem de poder, torna-se um meio de fugir da alteridade, que exige tempo. O tempo é o principal inimigo da internet. “Zapeamos”, eliminando diferenças. De qualquer maneira, os conhecimentos, na velocidade da informação, não avançam, não são trocados, não se integram (WOLTON, 2010, p 41).

Portanto, romper o comunitarismo é um desafio que se configura “menos em compartilhar o que temos em comum do que aprender a administrar as diferenças que nos separam, tanto no plano individual quanto no coletivo” (WOLTON, 2010, p 12). É preciso assumir as diferenças, tomar consciência de onde se fala e, no caso dos homens brancos, sob quais circunstâncias se fala. Ou se cala.

A partir deste conceito de comunicação (como negociação, convivência e coabitação), passo a discutir aspectos importantes para a temática deste estudo, como privilégio branco, lugar de fala e política de escuta, temas abordados no capítulo a seguir.

3 PRIVILÉGIO BRANCO, LUGAR DE FALA E POLÍTICA DE ESCUTA

O Brasil é constituído por uma sociedade caracterizada por desigualdades sociais, econômicas, políticas, culturais. Essas desigualdades se baseiam em marcadores diversos, relacionados a raça, gênero, sexualidade, classe social, entre outros. Condição que oprime minorias e que proporciona vantagens estruturais para o homem branco heterossexual. Neste capítulo, abordo de forma ampla esta desigualdade - tocando em questões relacionadas a raça, gênero e sexualidade - e discuto estes privilégios, com foco no que diz respeito ao privilégio de fala. Este capítulo traz ainda alguns referenciais sobre a definição de “branco” e de “branquitude” – que significa a pertença étnico-racial atribuída ao branco (CARDOSO, 2014) – os privilégios implicados por esta condição, o que é lugar de fala e, por fim, o que é uma política de escuta.

Preciso marcar aqui que, quando uso o termo "homem branco", me refiro ao gênero masculino, aos que usufruem da condição de branquitude e também ao homem heterossexual e cisgênero. Entendo que estes marcadores compõem o que alguns autores chamam de heteronormatividade, "cuja base fundadora é a heterossexualidade compulsória" (Judith BUTLER *apud* Márcia SILVA, 2010). Estes marcadores trazem consigo outros fatores implícitos, como ser de classe média e estar ligado à perspectiva judaico-cristã.

[...] Esses atributos, tomados como o parâmetro do “normal” para a constituição das normas que regem o social, segundo alguns teóricos, acabam por constituir uma hierarquia social excludente que pode ser compreendida por meio da imagem de uma pirâmide de distribuição de poder, cujo topo é constituído pelo masculino hegemônico mencionado e a base, por atributos que remetem ao que se coloca no polo oposto (como mulheres, gays, lésbicas, negros, pobres, etc.) (SILVA, 2010, p. 53)

Então, quando me refiro ao "homem branco", considero este branco heteronormativo, levando em consideração principalmente a branquitude, o masculino e a heterossexualidade. Quando me refiro a “pessoas brancas”, quero destacar a condição daqueles, homens e mulheres, que usufruem da branquitude. Quando me refiro a outro recorte, deixo evidente o marcador, como "homem branco de esquerda". Ainda, considero que os brancos participantes desta pesquisa, no grupo focal, são brancos críticos, que desaprovam o

racismo publicamente (CARDOSO, 2010) – o que não quer dizer que não cometam atos racistas no seu cotidiano ou que não usufruam da sua branquitude.

3.1 O privilégio branco cotidiano e o histórico social e cultural de desigualdades do Brasil

A existência do racismo estrutural do Brasil ainda é invisibilizada por pessoas que acreditam na teoria da democracia racial, fundada, entre outros aspectos, nas ideias de miscigenação do povo e de igualdade de direitos. Baseado nessa tese, há quem defenda casos de “racismos e preconceitos reversos” (quando supostamente o branco é discriminado por ser branco, o homem por ser homem, e o homossexual por ser homossexual²), ou quem acuse os negros de “vitimismo” (expresso nas redes sociais através do meme “mimimi”³). Nosso país possui, segundo o IBGE⁴, 54% de negros (pretos e pardos). No entanto, esse percentual não se reflete igualmente no acesso a diversos espaços e instituições sociais. Na poesia "Mercado Negro", do slammer Bruno Negrão, o poeta pergunta ao pai sobre onde há mais negros na sociedade, e o pai responde: “depende do lugar”. Bruno Negrão segue:

Eu saí sem entender nada, só no outro dia fui me ligar.
Eu cheguei na sala de aula e era o único preto no colégio particular.
Eu já fiz as contas, mano, não é brincadeira.
Tem mais preto no ônibus que eu vou para a aula do que na minha faculdade inteira. (NEGRÃO, 2017b)⁵

Em alguns espaços, a presença do negro é dificultada por preconceitos e padrões culturais e de comportamento que, no Brasil, são heranças estruturais de uma sociedade escravocrata. Souza (2017) fala sobre como os excluídos, majoritariamente os negros e os

2 "Hoje o nosso juiz constitucional não pode ser pautado pelas minorias só. Aliás eu já vi que quero meus privilégios porque o homossexual agora está virando minoria. Não tem mais direito nenhum. Estamos criando isso".

<<http://bit.ly/DizMinistroDoSTF>> Acesso em: 25 nov. 2017.

3 Sobre “mimimi”, ver as apreciações do Professor Tiago. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/showdotiago/videos/1498426686939855/>> Acesso em: 25 nov. 2017.

4 Através da pesquisa da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), divulgada em: Dezembro de 2016. Disponível em:

<<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2015/default.shtm>> Acesso em: 28 nov. 2017.

5 Documento eletrônico.

mestiços, ainda são estigmatizados e inferiorizados, perseguidos, não mais pelo capitão do mato⁶, mas pelas viaturas da polícia, que tem a licença para matar esta população⁷. Segundo um relatório da Anistia Internacional⁸, entre as vítimas da violência policial no Rio de Janeiro, entre 2010 e 2013, 99,5% eram homens. Quase 80% das vítimas eram negras e três em cada quatro, 75%, tinham idades entre 15 e 29 anos.

Obviamente, não é a polícia a fonte da violência, mas as classes média e alta que apoiam esse tipo de política pública informal para higienizar as cidades e calar o medo do oprimido e do excluído que construiu com as próprias mãos. E essa continuação da escravidão com outros meios se utilizou e se utiliza da mesma perseguição e da mesma opressão cotidiana e selvagem para quebrar a resistência e a dignidade dos excluídos (SOUZA, 2017, p. 83).

Em outros espaços, pelo mesmo motivo, a presença do negro é maioria, como nos presídios (a proporção de negros nas prisões é 14 pontos percentuais maior do que na população)⁹. É importante destacar que a condição de raça é ainda atravessada pela de gênero. Na sociedade patriarcal e racista - expressões da colonialidade do poder¹⁰ e pilares do sistema capitalista -, a mulher negra é atingida pelo racismo e pelo machismo. Enquanto o feminicídio de mulheres não negras caiu de 2005 a 2015, o de mulheres negras subiu 22%¹¹. O conceito de raça é determinado por fatores estruturais e culturais da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Em oposição à ideia de raça como um conceito biológico, entendo que é uma "categoria etnosemântica".

6 “[...] o capitão do mato figurava-se como o instrumento usado pelas autoridades para a manutenção da ordem escravista, mediante o uso de métodos repressores e hostis, alicerçado pelo poder armado, para com a população negra subalternizada. Atualmente, podemos identificar, no ofício policial, vestígios da postura adotada pelos capitães de outrora, tendo em vista que ele assume hoje tal papel [...] Trecho do artigo *Todo Camburão tem um pouco de navio negreiro. Possíveis analogias entre o capitão do mato e o policial*, maio de 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24834.pdf> Acesso em: 20 dez 2017.

7 A polícia do Brasil é a que mais mata no mundo.<<https://glo.bo/2AXgog8>> Mas também a que mais morre.

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/04/politica/1491332481_132999.html> Acessos em: 12 dez. 2017

8 Dados sobre a violência policial no Brasil. Anistia Internacional. Disponível em: <<https://anistia.org.br/direitos-humanos/informes-anuais/o-estado-dos-direitos-humanos-mundo-20142015/>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

9 Confira o perfil da população carcerária do Brasil na matéria do Nexo Jornal. <<http://bit.ly/PopulaçãoCarceráriaPerfilNexo>>. Acesso em: 12 dez. 2017. Sobre este tema, o filme “13ª Emenda” (2016) explicita como o encarceramento em massa da população negra é uma forma moderna de dominação.

10 Conceito de Wallerstein (1990), "entendido como a ideia de que a raça e o racismo se constituem como princípios organizadores da acumulação de capital em escala mundial e das relações de poder do sistema-mundo" Disponível em: <http://bit.ly/DecolonialidadeEPerspectivaNegra> Acesso em: 12 dez. 2017

11 Atlas da Violência, 2017. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/porta/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares. (MUNANGA, 2003)¹²

É nessa separação ontológica entre seres humanos de primeira classe e seres humanos de segunda classe (SOUZA, 2017) que está o principal aspecto do racismo.

O mero esforço para tratarmos latinos e africanos de forma igualitária já mostra a eficácia do conceito que divide o mundo entre pessoas de maior ou menor valor. A desigualdade ontológica efetivamente sentida, na dimensão mais imediata das emoções, tem que ser negada por um esforço do intelecto que se polícia. (SOUZA, 2017)¹³

Então, para além de características que se expressam no corpo, como a brancura, a expressão do ser e o fenótipo, “[...] ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais. Ser branco significa mais do que ocupar os espaços de poder. Significa a própria geografia existencial do poder” (CARDOSO, 2010). O branco não é uma cor, é uma afirmação política (Grada KILOMBA, 2016). Um exemplo é como se dá, para além do extermínio da juventude negra, a abordagem corriqueira da polícia no Brasil. Em relatos para o site BuzzFeed, pessoas negras e brancas contam como veem, usando como referencial a própria cor da pele, as experiências que tiveram com a polícia¹⁴. Diferenciação que foi explicitada pelo próprio comandante do ROTA, tropa de choque da Polícia Militar de São Paulo e uma das polícias que mais mata no Brasil¹⁵, quando disse que a abordagem dos seus soldados tem que ser distinta nos Jardins (região nobre de São Paulo) e nas periferias¹⁶. Estes preconceitos e diferenciações foram sendo construídos ao longo da

12 Documento eletrônico.

13 Esta consciência do intelecto na incidência contra a desigualdade ontológica que Jessé Souza aponta é que acredito ser útil a um debate sobre o lugar de fala de jornalistas, pesquisadores e escritores brancos.

14 *Todo mundo é abordado pela polícia da mesma forma?* BuzzFeed. 17 nov 2017. Disponível em: <http://bit.ly/TODOMUNDOÉABORDADOPELAPOLÍCIADAMESMAFORMA> Acesso em: 12 dez. 2017.

15 Realidade explicitada no livro *Rota 66*, do jornalista Caco Barcelos.

16 Abordagens no Jardins tem de ser diferente do que na periferia, diz novo comandante do Rota. *UOL*, 24 ago. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/ABORDAGEMDISTINTAJARDINSPERIFERIA> Acesso em: 12 dez. 2017.

história e não se restringem à questão de raça. Também dizem respeito a gênero, classe social. São marcadores que, articulados aos regimes políticos, de poder e de saber, davam e dão os contornos das normas sociais hegemônicas que são vistas como naturais (SILVA, 2010). Segundo a autora, isso acontece "[...] não sem contestações e permanentes tensionamentos oriundos dos grupos que estavam (ou sempre estiveram) subordinados ou postos em desvio" (SILVA, 2010, p. 61).

No que diz respeito à raça e ao subjugamento de outros povos, o processo de formação do eurocentrismo ou do ocidentalismo, a partir do século XVI, foi determinante na criação de um imaginário dominante do mundo moderno/colonial que permitiu legitimar a dominação e a exploração imperial. Com base nesse imaginário, o outro (visto como sem religião certa, sem escrita, sem história, sem desenvolvimento, sem democracia) foi qualificado como "atrasado" em relação ao homem e à sociedade da Europa. Sob esse outro é que se exerceu o "mito da modernidade", em que a civilização moderna se autodescreveu como a mais desenvolvida e superior e, por isso, com a obrigação moral de desenvolver os primitivos, a despeito da vontade daqueles que são nomeados como primitivos e atrasados (DUSSEL, 2005).

Esse imaginário dominante esteve presente nos discursos coloniais e posteriormente na constituição das humanidades e das ciências sociais. Essas não somente descreveram um mundo, como o "inventaram" ao efetuarem as classificações moderno/coloniais. Ao lado desse sistema de classificações dos povos do mundo houve também um processo de dissimulação, esquecimento e silenciamento de outras formas de conhecimento que dinamizavam outros povos e sociedades (COSTA e GROSFUGUEL, 2016). Este processo de apagamento da história e cultura de outros povos está atrelado a um privilégio de construção de conhecimento, um privilégio epistemológico, já que o modelo universal da ciência também é "branco":

A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências de conhecimento (RIBEIRO, 2017b, p 23).

A padronização dos saberes é sustentada na história do Brasil e ainda atualmente por violações concretas, como: a expulsão do campo de camponeses tradicionais; a negação do direito à moradia nas grandes cidades; etnocídios de povos originários e quilombolas (são 735 óbitos de crianças indígenas menores de 5 anos em 2016¹⁷); genocídio dos jovens negros, que, segundo o Atlas da Violência 2017¹⁸, continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra. De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras; a homofobia que massacra a população LGBT (o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo; a expectativa de vida deste recorte da população é de 35 anos, menos da metade da expectativa do restante da população brasileira¹⁹).

As elites que comandam esse processo agem desde a escravidão, com violências diretas ou indiretas, como a humilhação, o abandono e a injustiça.

[...] as elites que comandaram esse processo [a escravidão] foram as mesmas que abandonaram os seres humilhados e sem autoestima e autoconfiança e os deixaram à própria sorte. Depois, como se não tivessem nada a ver com esse genocídio de classe, buscaram imigrantes com um passado e um ponto de partida muito diferente para contraporem o mérito de um ou de outro, aprofundando ainda mais a humilhação e a injustiça. Esse esquema funciona até os dias de hoje sem qualquer diferença. Esse abandono e essa injustiça flagrante é o real câncer brasileiro e a causa de todos os reais problemas nacionais (SOUZA, 2017, p. 51).

Além de matar e de expulsar dos seus territórios, a sociedade invisibiliza saberes, ao basear sua produção de conhecimento em espaços como a Universidade, ainda inacessível para a maioria da população²⁰. E também se apropria de saberes, usando do sistema de patentes ou direitos autorais e de legislações (como o Projeto de Lei 827/2015 que propõe que pequenos agricultores só manejem certas sementes mediante pagamento²¹) para roubar

17 Dados do Relatório Violência Contra os Povos Indígenas do Brasil, do Conselho Missionário Indigenista. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/pub/Relatorio2016/relatorio2016.pdf> Acesso em 13 de dezembro de 2017.

18 Pesquisa produzida pelo Instituto de Pesquisa Econômica aplicada (IPEA). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf Acesso em 13 de dezembro de 2017.

19 Os dados são da pesquisa "Quem a homofobia matou hoje?", de 2016, produzido pelo Grupo Gay da Bahia. O relatório tem como abertura a informação de que 343 LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) foram assassinados no Brasil em 2016. "Nunca antes na história desse país registraram-se tantas mortes, nos 37 anos que o Grupo Gay da Bahia (GGB) coleta e divulga tais homicídios". Disponível em:

<<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>> Acesso em: 13 dez. 2017.

20 Somente 14% dos brasileiros possuem ensino superior. Disponível em: <<http://bit.ly/2BiMn7d>> Acesso em: 12 dez. 2017

21 Projeto de Lei quer proibir agricultores de produzir, distribuir e armazenar sementes. Brasil de Fato.

<<http://bit.ly/2yIC8q5>> Acesso em: 12 dez 2017

o saber - ou inviabilizar o compartilhamento dele - de parteiras, das raizeiras, dos povos originários, dos agricultores familiares, dos médicos tradicionais.

É realístico que uma simples “epistemologia mestre” possa julgar todo tipo de conhecimento originado de diversas localizações culturais e sociais? As reivindicações de conhecimento universal sobre o saber precisam no mínimo de uma profunda reflexão sobre sua localização cultural e social. (ALCOFF *apud* RIBEIRO, 2017b, p. 27.)

Esta é uma realidade que se expressa na desigualdade de presença de negros e brancos em lugares de destaque da área cultural, por exemplo. A seguir, apresento alguns dados que indicam esse processo de invisibilização do povo negro e das mulheres, através de alguns setores da criação de conhecimentos e de construção de narrativas.

3.2 Invisibilização de narrativas

A desigualdade entre pessoas brancas e negras se expressa em números e cifras. Segundo dados da pesquisa “A distância que nos une - Um retrato das Desigualdades Brasileiras”²², da ONG britânica Oxfam, em média, os brasileiros brancos ganhavam, em 2015, o dobro do que os negros: R\$ 1.589, ante R\$ 898 mensais. O estudo projeta que, somente em 2089, daqui a pelo menos 72 anos (201 anos pós abolição da escravidão), é que brancos e negros terão renda equivalente no Brasil. Em 2015, segundo o IBGE, os negros e pardos representavam 54% da população brasileira, mas sua participação no grupo dos 10% mais pobres era muito maior: 75%. No grupo do 1% mais rico da população, a porcentagem de negros e pardos é de apenas 17,8%. Nos âmbitos políticos, a representatividade negra é quase nula. Nas eleições de 2014, somente 3% dos 1.627 candidatos eleitos se autodeclararam negros²³.

Quantas vezes o branco é sinalizado de sua branquitude no cotidiano? “Ser branco é não pensar sobre ser branco. Ser negro significa pensar porque você é apontado sobre isso o tempo todo” (CARDOSO, 2014). E apontado muitas vezes com a ponta de um revólver.

22 A distância que nos une – um retrato das desigualdades brasileiras, OXFAM. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/a-distancia-que-nos-une>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

23 Informação disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/so-3-dos-eleitos-em-2014-se-declaram-negros/>> Acesso em: 20 nov. 2017.

Segundo o Atlas da Violência 2017²⁴, de cada 100 pessoas que são assassinadas no Brasil, 71 são negras. Ainda segundo o Atlas, enquanto o feminicídio de não-negras (brancas, amarelas e indígenas) caiu 7,4% entre 2005 e 2015, entre as mulheres negras o índice subiu 22%. Mais um dado que enfatiza o racismo estrutural da nossa sociedade, que recorta por raça (e também por gênero, por deficiência física, por desvio do padrão de beleza) os alvos da violência do Estado e os investimentos públicos em educação, segurança e campanhas de prevenção.

O boletim do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa da UERJ (Gemaa), na sua 13ª edição, traz o artigo “A Cara do Cinema Nacional”²⁵, que demonstra o nível de desigualdade na produção cinematográfica brasileira. Somente 2% dos diretores de filmes nacionais são homens negros. Nenhuma mulher negra foi registrada nessa função. A discrepância segue em relação aos roteiristas: só 4% são negros. O levantamento considerou as produções brasileiras que alcançaram as maiores bilheterias entre 2002 e 2014. Dentre os filmes analisados, 31% tinham no elenco atores negros, quase sempre interpretando papéis associados à pobreza e à criminalidade. O Gemma é publicado de dentro da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), instituição ameaçada de extinção²⁶, assim como diversas fundações de ensino e de pesquisa aqui no Rio Grande do Sul (Fundação de Estatística e Economia, Fundação Zoobotânica)²⁷. A UERJ é a primeira universidade do país a instituir o sistema de cotas para estudantes negros²⁸.

Na música, a “[...] sistêmica invisibilização do negro no mercado fonográfico” (SOARES, 2017) ainda impede que cantoras negras tenham as mesmas oportunidades do que cantores brancos. Destaco este trecho da entrevista²⁹ de Iarema Soares, do Nonada –

24 Atlas da Violência, 2017. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

25 Pesquisa do Gemaa. Disponível em: <<http://gemaa.iesp.uerj.br/textos-para-discussao/tpd13/>> Acesso em: 20 nov. 2017.

26 UERJ resiste. Disponível em: <<http://bit.ly/2BytOi7>> e <<https://www.facebook.com/uerjresiste/posts/980496102075036>> Acesso em: 20 nov. 2017.

27 Informações sobre a extinção das fundações. Disponível em: <https://glo.bo/2BhRmVZ> Acesso em: 20 nov. 2017.

28 UERJ vira congo depois de implantar cotas. Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pioneira-uerj-vira-congo-depois-de-implantar-cotas/> Acesso em: 20 nov 2017.

29 “Luedji Luna: *minha existência, mais que minha música, é um instrumento de luta*”. Nonada, jornalismo-travessia. 28 de novembro de 2017. <<http://bit.ly/ExistencialInstrumentoDeLuta>> Acesso em: 28 nov. 2017.

Jornalismo Travessia, com Luedji Luna³⁰, cantora e compositora baiana, que acaba de lançar o seu álbum de estreia “Um corpo no mundo”:

Ver a Ellen Oléria ganhar um programa de televisão me serviu de alento e me deu fôlego. Entretanto, eu ainda vivo as dificuldades comuns a essa carreira, aliada ao desafio de abrir um espaço na música popular brasileira no sentido do reconhecimento das vozes e dos discursos de mulheres negras.

O estudo “Análise de ausência de diversidade étnica nos telejornais brasileiros”³¹ (TRINDADE, 2011) identificou, em uma análise de 27 telejornais, 65 apresentadores únicos (ou seja, desconsiderando-se 16 profissionais que estão presentes em mais de um telejornal) e foi possível constatar que a participação de jornalistas negros como apresentadores é de 6,15%, enquanto a de indivíduos brancos está em 93,85%. A pesquisa expõe que o predomínio estético de apresentadores e jornalistas brancos, o modelo de repetição dos telejornais, mais os grandes índices de audiência fazem com que os jornais da televisão brasileira fortaleçam a imagem de que o branco protagoniza a estética universal e colocam pessoas de outras etnias à margem das produções telejornalísticas. Isso porque a mídia e o jornalismo se relacionam, como conhecimento social, com os saberes legítimos e produzidos nas instâncias de poder e também “[...] participa dos processos didáticos de explicação de conhecimentos que devem ser partilhados como norteadores da sociedade” (SILVA, 2010, p. 63). Assim, ambos estão imbricados no modo como os sujeitos aprendem a se constituir e a conhecer as normas comportamentais.

Sobre o jornalismo, em Porto Alegre, focando nas mídias públicas ou alternativas, Iarema Soares, juntamente com Airam Albino, escrevem para o Nonada – Jornalismo Travessia; Rod Rodrigues é repórter da rádio A Voz do Morro; Fernanda Bastos, Fernanda Nascimento e Domício Grillo apresentam os programas Nação e Radar, respectivamente, na TVE³²; Carol Anchieta e Rafuagi são repórteres do Jornal do Almoço. Aline Silveira, Alisson Santos, Josemar Afrovulto, Gisarama Oliveira, Mara Gomes são fotógrafos independentes.

30 Luedji Luna acaba de lançar seu primeiro álbum, “Um Corpo Negro”. Cantora e compositora baiana, traz no seu trabalho ritmos do congo e do batá cubano com o samba, o reggae e o batuque baiano. Escute o álbum de estreia de Luedji Luna. Disponível em: <<http://bit.ly/UmCorpoNoMundo>>

31 Estudo disponível em: <<http://bit.ly/TeleJornalismoBranco>> Acesso em: 20 nov. 2017.

32 Fundação Piratini, instituição de comunicação pública do Rio Grande do Sul, que engloba a TVE e FM Cultura e que está nos planejamentos de extinção pelo governador Ivo Sartori (PMDB).

<http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2017/10/politica/591561-fundacao-piratini-notifica-servidores-sobre-extincao.html> Acesso em 20 nov. 2017.

Todos esses são profissionais da comunicação que são referências na minha formação como jornalista e para negros que se veem representados neles. No entanto, mesmo na maioria dos coletivos alternativos ou na TV pública de Porto Alegre, os jornalistas negros estão em menor número em lugares de destaque.

Na pesquisa *Masculino, o gênero do jornalismo*, Márcia Veiga da Silva (2010) compara o jornalismo com a escola para mostrar que o jornalismo é masculino, por lidar fundamentalmente com o conhecimento e, como já citado, este ser historicamente produzido pelos homens. No entanto, não é qualquer conhecimento. São aspectos da cultura selecionados como digno de integrar notícias sobre o cotidiano da vida e do mundo. Assim como na escola, os agentes do jornalismo também são mulheres, mas que ocupam este universo marcadamente masculino. Isso porque os conhecimentos midiáticos se construíram pela ótica dos homens e também porque a seleção, a produção e a transmissão de conhecimentos (através de programas, livros, estatísticas, mapas, questões, hipóteses, linguagem e forma de apresentação dos saberes) são masculinos (SILVA, 2010).

Sobre a presença desigual do homem branco na literatura, destaco a pesquisa da Universidade de Brasília, "Um território Contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais"³³ (2012), de Regina Dalcastagne. A pesquisadora aponta que em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura). A pesquisa ainda traz dados sobre a autoria dos romances brasileiros. De todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico (DALCASTAGNE, 2012).

33 Pesquisa disponível em: <<http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>> Acesso em 20 de novembro de 2017.

Na própria literatura periférica, que é aquela, como explica de forma simples o poeta Sergio Vaz, "feita na periferia"³⁴, a diferença de publicação também é desigual. Para se ter ideia, Jéssica Balbino (2015, pg. 77) apresenta um levantamento, partindo do início da retomada dessas produções marginais a partir dos anos 2000, mostrando que, nas edições das revistas Literatura Marginal, com curadoria do poeta Férrez, participam com textos apenas 9 mulheres, contra 47 homens. É um percentual de 81% menor de participação feminina.

Stephanie Ribeiro (2017)³⁵ destaca que, ao se falar de privilégio branco, antes mesmo de se olhar para as facilidades que a branquitude traz na criação de epistemologias, de produção literária, artística e cultural, é preciso entender que a estrutura do Brasil tende a negar ao negro o direito à existência.

É portanto impossível falar de pobreza estrutural e de propriedade privada no Brasil sem falar de raça quando a primeira lei agrária do país tinha como principal foco garantir a exclusão do negro ao acesso à propriedade. Ainda não superamos nem esse fato, nem as capitâneas hereditárias e muito menos os "homens bons" da colônia sendo os únicos com acesso às câmaras. Quero pautar que mais do que indicar o poder do homem branco em seu acesso à política, ao espaço público e ao conhecimento, a sociedade concede ao homem branco o direito de ser visto como sujeito. (RIBEIRO, 2017d)³⁶

Para falar da invisibilização da produção de conhecimento do povo negro, Stephanie Ribeiro (2017) resgata que, no período pós abolição da escravatura, o homem negro seguiu sendo representado pela cultura hegemônica como irracional e animal, sendo o seu lugar

34 Para quem quiser uma descrição mais longa e bonita, aqui está, pelo poeta Sergio Vaz em sua página no Facebook: Dessa literatura que nasce das ruas violentas, da saúde precária, do ensino de má qualidade, do racismo, do preconceito de classe, do desemprego, das mazelas sociais, etc. Dessa literatura que denuncia o que se sofre na pele. Dessa literatura das letras descalças, mas de pés firmes e calejados que não descansam nunca. Dessa literatura que sangra na página e umedece de lágrimas. Dessa literatura órfã de pai e mãe, dessas letras mal dormidas, dessa palavra torta e mira certa, que falta trigo na hora do pão. Dessa poesia que apanha na cara, e não da a outra face. Desse verso maltrapilho que dorme nas calçadas, mas não pede esmola. Da rima pobre, que por dignidade, não pede dinheiro emprestado nem compra fiado. A Literatura que fala dessa vida desgramática que dói mesmo quando a gente parece que está feliz. Ah, mas vão dizer, como disseram outro dia: "E quando tudo isso acabar, a fome, a miséria, o racismo, a violência, enfim, vocês vão escrever sobre o que?" "Eu vou escrever um livro chamado, 'Que mundo maravilhoso'." É disso que a Literatura de periferia fala, da luta e da busca de um mundo maravilhoso para todos nós. Não importa se com menos ou mais crase, com menos ou mais vírgulas. Essa literatura não se mede pela pontuação, métrica ou estética, ainda que tudo isso tenha sua serventia, mas pela postura de suas linhas e entrelinhas. Nesse caso, se tiver nobreza nos atos e não tiver pobreza no coração, pode escrever essa literatura. Nem se isso pode ser chamado de literatura, porque é sobre nossas vidas que a gente escreve. Sobre essas e outras vidas que a gente teve. 4 de maio de 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/SergioVazLitPeriferica>>

Acesso em: 12 dez 2017.

35 Stephanie Ribeiro, arquiteta e escritora negra, através dos seus textos - primeiramente postados no Facebook e depois publicados em sites como Revista Trip, Revista MarieClaire, HuffPost Brasil, Geledés -, problematiza diversas nuances sobre ser mulher negra e sobre privilégio branco.

36 Documento Eletrônico sem paginação.

social aquele destinado ao trabalho físico. Se conseguia escapar desse destino, sua produção intelectual era negada, roubada ou esteticamente embranquecida. Machado de Assis, um dos principais escritores do país, negro, passou postumamente por esse processo³⁷, o que também já foi tema de poesia de Bruno Negrão, da chamada "E se Jesus fosse preto?":

Ei, meu, ei, meu.
 Será que Jesus não era mesmo preto?
 Eu tô achando...
 Preto igual o rock'n roll, Egito, Machado de Assis e outros tantos
 Bom, aí mesmo se ele fosse preto,
 Pra vender a sua imagem e ser aceito
 lam te dizer que ele era branco (NEGRÃO, 2017)

O apagamento pode acontecer na legitimação ou negação da própria linguagem. Em determinados espaços, quem não fala a norma culta da língua ou não se expressa corretamente, do ponto de vista gramatical, já tende a ser previamente segregado do diálogo e da criação de conhecimento em instituições sociais e instâncias de poder (RIBEIRO, 2017b). Também através da linguagem se dá "[...] a normatização do masculino como a forma genérica para se referir a homens e mulheres" (SILVA, 2010, p. 57). A linguagem funciona como uma ferramenta de manutenção de poder, já que este mesmo poder constitui um sistema que distribui, de modo desigual, as oportunidades de acesso a um ensino formal e qualificado, que propiciaria a apropriação da linguagem culta. Ribeiro (2017b) afirma que a linguagem pode ser uma barreira ao entendimento e, com isso, pode atuar mais na reprodução da concentração de poder do que em seu compartilhamento. Pode ser ainda uma forma de deslegitimar saberes distintos daqueles oriundos da Europa.

É engraçado como eles [sociedade branca elitista] gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l nada mais é do que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem é o ignorante? (GONZALEZ apud RIBEIRO, 2017b, p. 26)

37 Sobre o embranquecimento do Machado de Assis ver Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/duas-cores-de-machado-de-assis/>> Acesso em: 20 nov 2017.

A invisibilização às vezes é anterior à própria criação do discurso. Balbino (2015), enfatizando a problemática de gênero, ilustra como o machismo, em relações e espaços, dificulta a tarefa de escrever e, até mesmo, inviabiliza a presença das mulheres em saraus e outros eventos artísticos e culturais. Abusos de companheiros ou do público, casos de ciúmes que impedem a mulher de sair de casa e a associação cultural da mulher com os trabalhos domésticos são exemplos desse fenômeno.

A mulher, para conseguir frequentar saraus, espaços literários, entre outros ambientes que promovem a literatura, precisa, antes de tudo, lidar com o machismo, seja através das obrigações domésticas que lhes são imputadas apenas pelo fato de serem mulheres, seja pelas obrigações familiares, seja pela dificuldade de encontrar silêncio e um local adequado para produzir, seja pela rotina atribulada, que não lhes deixa ter uma dedicação total ao ofício da escrita (BALBINO, 2015, p, 69).

Este apagamento e dificuldades sistemáticos são até certo ponto denunciados por meio da internet. As redes sociais, sites, vídeos e textos são espaços e ferramentas pelas quais as narrativas das mulheres conseguem ganhar certa visibilidade, o que faz com que, à medida do possível, as pessoas entendam a importância dessas histórias.

Na internet a gente consegue existir, porque a gente não existe na mídia hegemônica ainda, e se existe, existe muito pouco, e em papéis extremamente estereotipados. Na internet é um lugar onde as mulheres negras entenderam que elas podem existir. Temos cineastas fazendo produção audiovisual, poetas escrevendo, meninas dando cursos de literatura, outras formando grupo para trocar textos de feministas negras (RIBEIRO, 2017b, p. 32).

Até aqui trouxe dados e referenciais teóricos que mostram como a estrutura racista e machista da nossa sociedade faz com que o homem branco tenha historicamente vantagens na produção artística, intelectual. Aqui me refiro ao homem pelo fato de, como vimos, o masculino ser o universal do imaginário dominante e detentor de profissões e espaços de privilégios, como autores de livros, diretores de cinema, jornalistas, etc. E ao branco pelo fato de com a branquitude lograr privilégios oriundos, como vimos, das heranças de uma sociedade escravocrata. A condição do branco que se retroalimenta em uma sociedade que

mantém classes exploradas como se fosse um projeto de manutenção de privilégios, de continuação da escravidão e de seus padrões contra populações fragilizadas e superexploradas.

O caso atual da exploração da ralé brasileira pela classe média para poupar tempo de tarefas domésticas, sujas e pesadas, o que permite utilizar o tempo roubado a preço vil dessa classe em atividades mais produtivas e mais bem remuneradas, mostra uma funcionalidade da miséria clara como a luz do sol. Essa luta de classes silenciosa exime toda uma classe de cuidado com os filhos e da vida doméstica, transformando o tempo poupado em dinheiro ou em aprendizado qualificador. A classe roubada, no caso, é condenada eternamente a desempenhar os mesmos papéis secularmente servis. (SOUZA, 2017, p. 51)

Existe, portanto, um cenário desigual na criação de narrativas, na interpretação do mundo, na expressão de sentimentos. Cenário que determina quem pode ou não falar, quem é ou não escutado, mas também sobre o que se fala, o que se sente, de onde se vê. Segundo Ribeiro (2017b), a reflexão fundamental a ser feita é perceber que as reivindicações de pessoas negras pelo direito a ter voz dizem mais do que somente sobre o ato de falar. É uma reivindicação pelo direito à própria vida.

[...] seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a resignificação das identidades, sejam de raça, de gênero, de classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica (RIBEIROb, 2017, p. 43).

Diante de tudo isso, para nós, homens brancos, talvez seja imprescindível que tenhamos noção desta urgência e dos nossos privilégios na hora de escrever uma matéria, de gravar uma entrevista, de recitar um poema em uma edição de *slam*, de nos posicionarmos em uma sociedade racista estruturalmente. Que aprendamos, juntos, a reconhecer o nosso lugar de fala, o que começa por nos reconhecermos como homens e como brancos - aqui me coloco como pesquisador branco. Entender estas marcações não para inferiorizar quem não é semelhante a nós, mas para compreender como a sociedade estruturalmente nos privilegia e oprime quem não corresponde a este recorte.

3.3 Lugar de fala e política de escuta

No jogo de poder que se dá através das disputas discursivas são aspectos determinantes a, já vista aqui, deslegitimação de linguagens, o silenciamento sistemático, a união de vozes e a repetição conveniente de falas (como a dos estereótipos construídos nos programas de TV). São elementos da produção de discursos e meios de comunicação que propagam uma automanutenção de poderes e privilégios pois pertencem justamente às elites econômicas que vivem no contexto dos privilégios de raça, gênero, sexualidade e classe social (TIBURI, 2015). Quem vive fora deste sistema normativo, tem sua expressão contida, econômica e politicamente administrada, conforme afirma Tiburi (2015). Segundo a autora,

[...] O espaço da voz é hegemonicamente do homem branco situado no topo do sistema social de privilégios. Ele representa o capital sexual (heterossexualidade), o capital financeiro, o capital social e intelectual, por fim, o capital comunicacional. (TIBURI, 2015)³⁸

Esta hegemonia da voz do homem branco é responsável por uma autorização sobre os outros discursos. Com teor de exemplo, no que diz respeito a gênero, esta autorização discursiva é sustentada ainda hoje por paradigmas ocidentais de conhecimento cunhados no século XIX e postos em práticas em grande parte através de políticas de Estado, que passam pela regulação da família, da reprodução e das práticas sexuais. Silva (2010) destaca que as produções e trabalhos iniciados nesta época (por homens vitorianos, médicos e também filósofos) legitimam até hoje as hierarquias sociais, os saberes reconhecidos e definições sobre o corpo de homens e mulheres que são levadas como padrão.

[...] Suas proclamações têm expressivos e persistentes efeitos de verdade. A partir de seu olhar “autorizado”, diferenças entre sujeitos e práticas sexuais são inapelavelmente estabelecidas. Não é de estranhar, pois, que a linguagem e a ótica empregadas em tais definições sejam marcadamente masculinas [afinal, o saber era um campo legítimo apenas para os homens]; que as mulheres sejam concebidas como portadoras de uma sexualidade ambígua, escorregadia e potencialmente perigosa; que o comportamento das classes média e alta dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais tenha se constituído na referência para estabelecer as práticas moralmente apropriadas ou higienicamente sãs. (LOURO *apud* SILVA, 2010, p. 59)

As reflexões e trabalhos sobre a questão do lugar de fala se formularam principalmente nos debates virtuais e no seio dos movimentos sociais, justamente "[...] como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva" (RIBEIRO, 2017b, p. 58). Entendo estar relacionado com a relação Eu e Outro trazida no capítulo anterior, com as referências de Jovchelovitch (2008) sobre a necessidade de uma pluralidade de perspectivas a fim de desconstruir a visão de uma perspectiva única. Entendo a escuta do homem branco como uma renúncia ao papel de autorizador discursivo, à medida que se coloca, no caso do *slam*, na roda de poesia, não como o dono da verdade ou do discurso único, mas como o ouvinte de diversas outras perspectivas de mundo, tão complexas quanto as suas. Para isso, ao meu ver, passa pelo ato de "se despir" (MARCONDES FILHO, 2015) e pela consciência de se marcar como homem branco, de entender o seu lugar de fala.

Para entender o que significa este "se marcar", trago uma contextualização do conceito de "lugar de fala". A origem do termo é imprecisa, mas, segundo Ribeiro (2017b), surge a partir das discussões sobre *feminist stand point* - em uma tradução literal quer dizer "ponto de vista feminista" -, que inclui diversidade, teoria racial, crítica e pensamento decolonial. A discussão inclui o entendimento de como as instituições usam (e legitimam ou deslegitimam) identidades, como a branca ou a negra, para oprimir ou privilegiar.

O que se quer, com esse debate [do lugar de fala], fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. Logo, não é uma política reducionista, mas atenta-se para o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimento de outros (RIBEIRO, 2017b, p. 31).

Nas lutas e ativismos, talvez os homens brancos precisem não mais falar por aqueles que são atingidos diretamente por essas questões de opressão e desigualdades. No entanto, há massacres, genocídio e etnocídios acontecendo, como enunciado no começo deste capítulo, e uma estrutura racista imposta em que é sim preciso o combate, que envolve saber quando falar e, talvez mais que nunca – ao menos no caso dos homens brancos –, saber quando calar e praticar a escuta.

De um lado, ele pode começar a falar com os seus pares homens brancos convencendo-os, didaticamente, de que um outro mundo é melhor (o que não vai ser fácil e toda a luta socialista tem a ver com isso). Ele não precisa falar pelos homens negros, nem pelas mulheres, nem pelas mulheres negras, nem pelos indígenas ou quilombolas, porque essas pessoas descobriram por meio da luta que elas podem falar por si mesmas. (TIBURI, 2016)³⁹

Esta reconfiguração da luta e de sentimentos, Tiburi (2015) destaca como sendo a protagonização dos negros de si mesmos através dos seus próprios jogos discursivos. No *slam*, são vistas perspectivas sobre abusos, relações de trabalho, cotidiano, sobre o amor, sobre como as mulheres e as mulheres negras entendem as relações, com prioridades distintas da construída pela heteronormatividade masculina branca. E neste ponto está um dos logros do *slam*, que se põe como lugar de compartilhamento de sentir - entre eles, em muitas vezes, as dores - oriundos de lugares de falas distintos, em um espaço em que o diálogo, o silêncio, a escuta permitem a coabitação democrática. Por este motivo, Tiburi (2015) fala da necessidade de separar o lugar de fala do lugar de dor. Neste último, só podemos ter escuta, pois cada um sente o que vive. Já o lugar de fala é “[...] o lugar democrático em relação ao qual precisamos de diálogo, sob pena de comprometer a luta” (TIBURI, 2015). Se o lugar de fala, mesmo contendo sentimentos de dor, a vivência, interrompe o diálogo, pode se chegar a um momento anti-político.

Se, de dentro da minha dor, eu elimino o diálogo, posso já ter deixado de lado a luta. Posso estar perdido em um exercício de puro ressentimento, no extremo – e há extremos – posso estar gozando na vingança ou na prepotência autoritária mascarada das mais belas lutas, tais como a da esquerda, do feminismo e do antirracismo (TIBURI, 2015).

É preciso entender, no entanto, que o lugar de fala diz respeito a um debate estrutural, sobre o reconhecimento não de experiência individuais, mas sobre como certos grupos sociais restringem ou propiciam oportunidades (RIBEIRO, 2017b). Críticos das reflexões sobre lugar de fala⁴⁰ usam do negro e do gay como categorias descritivas da identidade aplicada ao seu indivíduo (COLLINS *apud* RIBEIRO, 2017b). Com esta visão, são

39 Documento eletrônico sem paginação.

40 Como o jornalista Reinaldo Azevedo, que usa o vereador pelo Democratas e membro do Movimento Brasil Livre, Fernando Holiday, que é negro e gay, como exemplo de indivíduo que "não aceita que o coloquem em um nicho de militância". Disponível em: <<http://abr.ai/2AThjL7>> Acesso em: 01 dez. 2017.

desconsideradas todas as construções históricas que produziram - e ainda produzem - desigualdades e opressões diversas de maneira coletiva e social. É ignorada a necessidade de entender as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos da estrutura social fundamentais na formação de grupos, oprimidos e privilegiados. Por mais que alguns sujeitos negros possam ser reacionários e mesmo negar a existência do racismo, por exemplo, eles não deixam de sofrer com a opressão racista – o mesmo exemplo vale para outros grupos subalternizados. O contrário também é verdadeiro: por mais que pessoas pertencentes a grupos privilegiados sejam conscientes e combatam arduamente as opressões, elas não deixarão de ser beneficiadas, estruturalmente falando, pelas opressões que infringem a outros grupos. O que estamos questionando é a legitimidade que é conferida a quem pertence ao grupo localizado no poder (RIBEIRO, 2017b).

Conforme a discussão das seções anteriores, se pode entender essa luta travada pelas reflexões de lugar de fala contra a autorização discursiva como a possibilidade de uma enunciação livre e diversa, sem o aval heteronormativo. No entanto, não é simplesmente a enunciação da palavra que está em jogo aqui, como também a própria busca do existir, do ponto de vista simbólico, mas, também, físico. Talvez para os brancos seja difícil de acessar essa possibilidade ou não da existência porque ser branco é ser a norma, e se ver, desde o princípio, como pessoa, como humano, e não como “branco”.

E é exatamente essa equação, “sou branca e por isso sou uma pessoa” e esse ser pessoa é a norma, que mantém a estrutura colonial e o racismo. E essa centralidade do homem branco não é marcada. (KILOMBA, 2016)⁴¹

Uma da importância de nos marcar diz respeito ao que Jovchelovitch (2008) aborda: tomar consciência de uma pluralidade de perspectivas, ao mesmo tempo em que se renuncia à onipotência de uma visão autocentrada. Segundo Costa e Grosfuguel (2016), afirmar o *locus* de enunciação (lugar de fala) é ir na contramão dos paradigmas eurocêntricos hegemônicos, que, mesmo falando de uma localização particular, se assumiram como universais. A importância do se marcar se dá quando autoras como Djamila Ribeiro anunciam que a enunciação para o povo negro mais que o próprio ato de poder falar, diz respeito a poder existir. Também diz respeito a desestruturar um conforto ontológico do homem branco.

41 Documento eletrônico em paginação.

Desestabilizar um privilégio de existência do homem branco calcada em violências, como sinalizam os dados evidenciados no início deste capítulo.

“[...] Ao marcar o não marcado, estamos fazendo com que o modo como a violência foi socialmente distribuída seja bagunçado, projetando sobre as posições até então isentas dessas marcas e, portanto, desigualmente inscritas como parte privilegiada do mundo como o conhecemos, a responsabilidade de confrontar a violência que dá forma a seu conforto ontológico” (MOMBAÇA, 2017)⁴²

É importante destacar que o lugar de fala não diz respeito ao silenciamento propriamente dito dos homens brancos. No entanto diz respeito a olharmos para nossa responsabilidade nesta violência de que fala Mombaça (em outras palavras, o racismo estrutural) e também nosso papel na incomunicação. Por exemplo, na perspectiva de um pesquisador branco, ao invés de analisar o negro como “o diferente” ou estudá-lo como o exótico, como o negro-tema (CARDOSO, 2014), uma possibilidade é focar nossa energia na desconstrução do centralismo branco, o que inclui a reinterpretação do diferente. “Ser branco sempre foi um ser de valor, ser bonito, ser inteligente. Então precisa ser ressignificado” (CARDOSO, 2014). O negro só se torna o diferente justamente por essa hegemonia no discurso da pessoa branca se ver como norma.

Ainda por parte da esquerda tanto negros quanto mulheres ainda não são tão sujeitos quanto homens brancos, a ponto de seu pensamento, produção intelectual, sexualidade, sentimento e subjetividade serem ainda tutelados de uma forma patriarcal e racista e considerados de segunda instância por parte dos intelectuais brasileiros, negando inclusive os ideais que os mesmos dizem defender já que a manutenção do capitalismo também se dá na subordinação e exploração de mulheres e negros (RIBEIRO, 2017d)⁴³.

Como, sendo homens brancos, no papel de jornalistas, poetas, produtores de conhecimentos, podemos contribuir na insurgência de novas referências dentro dos espaços em que se atua? Este cuidado pode estar justamente no olhar para as referências. Segundo Ribeiro (2017b), é preciso refletir sobre outros saberes, que podem estar relacionados ao contexto brasileiro, ao saber das mulheres de terreiro, das lalorixás e Babalorixás, das mulheres do movimento por luta de creches, lideranças comunitárias, irmandades negras,

42 Documento eletrônico sem paginação.

43 Documento eletrônico sem paginação.

movimentos sociais, que são “[...] outra cosmogonia a partir de referências provenientes de religiões de matriz africanas, outras geografias de razão” (RIBEIRO, 2017b, p. 27). É um processo de refutar a historiografia tradicional e a hierarquização dos saberes consequentes da hierarquia social.

[...] Não poder acessar certos espaços acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. (RIBEIRO, 2017b, p 64).

O fundamental sobre buscar referências diversas do centralismo branco é restituir a fala e a produção teórica e política de sujeitos que até então foram vistos como destituídos da condição de fala e da habilidade de produção de teorias e projetos políticos.

Reler autores que foram silenciados pela academia não significa somente se deparar com testemunhos sobre os efeitos da dominação colonial, significa deparar-se com o registro de múltiplas vozes, ações, sonhos que lutam contra a marginalidade, a discriminação, a desigualdade e buscam a transformação social (MORAÑA, DUSSEL, JÁUREGUI *apud* COSTA E GROSFUGUEL, 2016)⁴⁴

Esta atitude reconfigura a criação das narrativas - o que influencia as agendas das lutas -, mas também o foco da energia na luta antirracista, antipatriarcal e anti-homofobia. E pode inclusive proporcionar novos sentires. Assim como assistir pornografia por anos constrói o modo como fazemos sexo⁴⁵, escutar mulheres negras e brancas no *slam* falando sobre suas experiências e sentires no amor pode transformar a noção heteronormativa sobre as relações. Se abrir para as outras perspectivas diz respeito a relação com o outro e é uma tarefa dificultosa, mas pode contribuir para problematizar, desvelar e, quiçá, desestruturar práticas e instituições, através da desnaturalização das banalidades, do esmiuçar das práticas, das instituições e dos saberes (SILVA, 2010).

Sinto, então, com minha percepção de pesquisador branco, o lugar de fala como uma reparação histórica. Assumir a condição de privilegiado pode contribuir, como disse

44 Documento eletrônico sem paginação.

45 Reportagem sobre como o vício em pornografia está afetando a vida sexual dos jovens. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-37087394>> Acesso em: 12 dez. 2017.

Mombaça (2017), na autorresponsabilização sobre processos históricos (como a violência) que ainda afligem o povo negro, os povos originários, as mulheres. Marcar-se como um olhar branco sobre o mundo e não como a norma universal é buscar a renúncia do papel de legitimador de discursos – embora eu entenda que este processo flui autonomamente por outra via, já que cada vez mais acontece uma autolegitimação por parte dos enunciadores e seus semelhantes. Também seria silenciar? Entendo que sim, ainda na perspectiva do lugar de fala como uma reparação histórica. No entanto, não silenciar por completo a voz, mas silenciar o ímpeto de se enxergar como protagonista em todos os processos.

No que diz respeito à autorresponsabilização, por exemplo, é a busca conjunta por igualdade de oportunidades para acessar os espaços, o que envolve um processo de desistência de certos privilégios. A política de cotas aumentou as oportunidades do ingresso de negros na Universidade - o que restringiu, modestamente, considerado o privilégio histórico, as possibilidades dos vestibulandos brancos. Embora urgente na busca de amenizar a desigualdade de oportunidades de ingresso na Universidade, esta reparação paliativa gerou diversas críticas⁴⁶ e ofensas⁴⁷. Críticas ferozes tendo como base a meritocracia, o “racismo inverso”, o suposto declínio da qualidade acadêmica⁴⁸. Kilomba (2016) afirma a necessidade de desistir de certos privilégios como parte do processo no qual as pessoas brancas precisam se engajar:

[...] e eu não vejo isso [a renúncia à fala] como violência, eu vejo o racismo como uma grande violência. Quando um sistema está habituado a definir tudo, bloquear os espaços e as narrativas e nós, a partir de um processo de

46 Médico da Unicamp diz que cotas é “trocar cérebro por nádegas”; reitoria repudia declarações. Disponível em: <<http://bit.ly/2j99cSI>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

47 A Uerj, depois de alguns anos de sistema de cotas, passou a ser chamada de Congo. Primeiro, pejorativamente por estudantes de direito de outras universidades, em um campeonato esportivo. Em outro momento foi assumido com orgulho como afirmação da diversidade da instituição. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/pioneira-uerj-vira-congo-depois-de-implantar-cotas/>> Acesso em: 12 dez. 2017.

48 Políticas de inclusão têm resultado positivo nas universidades. Revista Exame. 22 fev. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/RevistaExameCotas>> Acesso em: 12 dez. 2017.

Uma avaliação dos resultados do sistema de cotas nas universidades públicas. Nexo Jornal. 23 fev. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/AvaliaçãoCotasNexo>> Acesso em: 12 dez. 2017.

Desempenho de cotistas na UFMG é igual ou superior aos demais alunos. Estado de Minas. 1 mai. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/EstadoDeMinasCotas>> Acesso em: 12 dez. 2017.

Cotistas e não cotistas têm desempenho semelhante na UFRN. 17 mai. 2016. <<http://bit.ly/CotasUFRN>> Disponível em: Acesso em: 12 dez. 2017.

Desempenho de cotistas é igual ao de não cotistas na UnB. Correio Braziliense. 06 jun 2013. <<http://bit.ly/CotistaUNB>> Acesso em: 12 dez. 2017.

Dados mostram que quem entra por cota se forma com desempenho próximo aos demais alunos. Folha UOL. 10 dez. 2017 <<http://bit.ly/DesempenhoFolhaUol>> Acesso em: 12 dez. 2017.

descolonização, começamos a adentrar esses espaços, começamos a narrar e trazer conhecimentos que nunca estiveram presentes nesses lugares, claro que isso é vivenciado como algo ameaçador (KILOMBA, 2016)⁴⁹.

Trazendo para o escopo do trabalho, é abrir mão, por exemplo, de uma vaga de inscrição para competir no *slam*, se do outro lado estiverem buscando essas oportunidades mulheres negras. Isso não é negar a própria existência, mas entender que o *slam* é um espaço do protagonismo negro e que na sociedade em que vivemos as oportunidades como poeta branco são mais amplas. Segundo Ribeiro (2017b), a possibilidade de abrir mão do lugar do privilégio da fala assusta mais do que a negligência histórica da existência do povo negro.

Se o branco é universal e ocupa todos os espaços, tende a não pensar sobre qual espaço pode ou não ocupar. Ao se marcar como privilegiado e reconhecer outras perspectivas, este debate se abre. Qual o lugar então a ocupar? Mombaça (2017) diz que talvez seja o momento político de redirecionar a pergunta da autora indiana Spivak (1985): “pode o subalterno falar?”. Redirecionar a problematização da fala para a da escuta. “[...] Sim, o subalterno pode falar, não, o dominante não pode escutar o que o subalterno fala” (MOMBAÇA, 2017). Esse redirecionamento é uma responsabilização que Tiburi (2015) também sugere como um espaço a se ocupar pelos brancos críticos, principalmente os homens: contribuir com a criação de uma política de escuta.

Em uma perspectiva de diálogo, além da hegemonia de fala existe uma hegemonia, em disputa, de escuta (TIBURI, 2015). A hegemonia da escuta é um campo em que, segundo Tiburi (2015), se pode romper com o poder - que não gosta de escutar. O homem branco escutar é um desvio de conduta. Não sabemos nos colocar neste lugar pois não tínhamos um lugar específico a ocupar, já que pela norma da conquista todos os lugares podiam ser apropriados.

O homem branco pode ser o dono da verdade, ele foi mimado pelo poder que inclui a verdade-bondade-beleza-heterossexualidade compulsória. Ainda que o microfone seja seu e ele possa assinar os mais espertos artigos em grandes jornais, ele precisa aprender a política da escuta que não se ensina em universidade alguma (TIBURI, 2015)⁵⁰.

49 Documento eletrônico sem paginação.

50 Documento eletrônico sem paginação.

Sob essa ótica, entendo a consciência sobre o próprio lugar de fala e o empenho na construção de uma política de escuta do homem branco, primeiro, como formas de promover uma reparação histórica pelos privilégios discursivos e opressões normativas expostas até aqui. Segundo, como um caminho "para se reconhecer como um e renunciar à fantasia onipotente do ser único (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 230)". E com isso, perceber as diversas perspectivas, buscar o diálogo, a alteridade, a convivência (coabitação) e estabelecer a comunicação. Um contexto propício para este processo é o *slam*, tema do próximo capítulo.

4 O PAPEL DE ESCUTA NO SLAM

Por causa da alta probabilidade de chuva, a 7ª edição⁵¹ do Slam Peleia⁵², de Porto Alegre/RS, no dia 29 de setembro de 2017, foi marcada para o Viaduto do Brooklyn, ao invés de ser no Largo Zumbi dos Palmares, como nas duas edições anteriores. Embaixo do Viaduto, escutar era difícil devido ao barulho dos carros. Do outro lado da Avenida, onde se poderia encontrar menos ruídos, uma bateria com tambores e instrumentos de sopro ensaiava. Fomos para a praça que acompanha a curva da rua onde, entre muitas outras coisas que acontecem ali, algumas pessoas fumam crack à noite, onde o ônibus Campus Ipiranga faz a curva para a João Pessoa, onde um hotel da rede multinacional Intercity, em um prédio de mais de 20 andares, divide a quadra com um pequeno triângulo verde, chamado de Praça Salvador Allende; onde do outro lado da rua lojas de impressão e de fotocópias dividem a calçada com um bar em que, na sua maioria, estudantes da UFRGS bebem. “O circo das elites” eram os dizeres de um pixo da Federação Anarquista Gaúcha, em uma muretinha que separa as mesas e as cadeiras deste bar do passeio. Aí nessa praça, já noite, com as pessoas do público em pé em roda, sentadas em bancos ou trepadas nos brinquedos das crianças, alguns slammers lançaram seus versos. Como o Julinho, que competiu com o seu professor de escola, também poeta. Com o início da chuva, os presentes voltaram, desta vez para o lado onde anteriormente ensaiava a bateria. Dezenas de pessoas, uma pequena multidão, migrando, entre praças e viadutos, atrás da poesia. Uma aparição. O *slam* surge, evoca os poetas e em poucas horas se esvai. Para aparecer mais ali, em outro momento, propondo trocas, poesia e a escuta.

Neste capítulo, trago algumas definições do que pode ser o *slam*, um olhar sobre seu histórico e sobre sua chegada no Brasil e em Porto Alegre. Para isso, é usado, para além de algumas pesquisas, bastante material jornalístico, com matérias e entrevistas. Isso devido ao fato de o *slam* ainda ser um assunto pouco abordado pela academia, principalmente no que diz respeito ao evento em Porto Alegre. Ainda, acompanhar seis edições do *slam*, quatro como ouvinte, duas como fotógrafo, contribuiu na descrição do movimento. Mais para o final

51 Evento no Facebook da 7ª edição do *Slam*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/122043218448175/>> Acesso em: 10 nov 2017.

52 Página do *Slam* Peleia no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/slampeleiaRS/>> Acesso em 10 de nov 2017.

do capítulo, trago um olhar sobre a representatividade e a escuta, em um começo de diálogo entre o que observo no *slam* e as teorias acionadas neste trabalho.

4.1 O que é o *slam*?

O *slam* é uma competição de poesia que acontece, na maioria das vezes, em espaço público – algumas edições foram realizadas em lugares ocupados, casas de cultura, bares, escolas, universidades. Tem até *slam* itinerante, que, a cada edição, é realizado em um local da cidade⁵³, ou em que cada parte do evento é feita em um local⁵⁴. Em Porto Alegre, por exemplo, o *slam* tem seu lugar no Largo Glênio Peres, Largo Zumbi dos Palmares, Esplanada da Restinga, Viaduto do Brooklyn, entre outros. A competição consiste em três fases de classificação. Em todas, o poeta tem três minutos para apresentar seu poema autoral. O texto pode ser escrito previamente, mas também pode haver improvisação. Não há regras sobre o formato da poesia, no entanto, o participante não pode ter adereços cênicos, como fantasias ou acessórios. Não é permitido repetir poemas durante as fases, daí a necessidade de apresentar três poemas distintos para participar. Da plateia, voluntariam-se cinco jurados, que dão nota de 0 a 10 para cada poema, com a orientação de darem notas o mais quebradas possível (com décimos), para que não haja empate. Antes de iniciar a competição e entre cada fase, há o momento do “Verso Livre”, em que poetas podem se inscrever para recitar sem caráter competitivo⁵⁵.

Autor da pesquisa *A performance na cantoria nordestina e no slam* (2011), Tiago Souza traz mais detalhes à definição:

O participante terá a possibilidade de declamar sua criação poética sobre fundo musical (facultativo) abstendo-se de tocar um instrumento durante a *performance*. [...] O *Slam* é uma arte do espetáculo oral e cênico. [...] Está focalizado no verbo. Trata-se de um tipo de cena de expressão popular na qual alguns poetas se confrontam diante de um júri selecionado ao acaso no público (SOUZA, 2011, p. 5.).

53 Como o Slam das Minas em São Paulo, que a cada edição é em um local diferente.

54 Como foi na 7ª edição do Slam Peleia, descrita no início desse capítulo.

55 *O que são slams e como eles vem popularizando a poesia?* Nexo Jornal. 20 dez 2016. Disponível em: <http://bit.ly/SlamNexoJornal>> Acesso em: 15 nov 2017.

O vencedor da competição pode concorrer a prêmios, como camisetas, livros, ingressos para festas⁵⁶ e também ganha uma vaga para a final estadual – que em Porto Alegre é chamada de Slam Conexões. Há *slams*, como o Odaka⁵⁷, de Belo Horizonte, em que o público leva presentes para o vencedor, ideia incentivada para a 9ª edição do Slam Peleia em Porto Alegre⁵⁸. Da estadual, o vencedor vai para a final nacional, o Slam BR. O vencedor desta etapa vai para o mundial, em julho, na França. Em 2017, o Brasil foi representado por Luz Ribeiro⁵⁹, primeira mulher a vencer a competição nacional de *slam*⁶⁰.

Para Mel Duarte (2017), expoente nacional do *slam*, esse é um “movimento de contestação e resistência de gênero que une música e poesias nas ruas”⁶¹. Mayara Vaz, vencedora do Slam Resistência 2016, comenta o caráter de troca proporcionado pelo *slam*: “São centros de discussão em que algumas pessoas se propõem a falar e outras a escutar”⁶².

4.1.1 O Surgimento do *slam*

O *slam* surgiu na década de 1980 em Chicago, Estados Unidos da América, através do trabalho de um poeta e operário da construção civil, Marc Smith⁶³. A página do Slam do Grito, um dos principais eventos do gênero de São Paulo⁶⁴, detalha um pouco mais o processo de criação do *slam* em Chicago.

56 No Slam das Minas Rs, às vencedoras não é oferecido um prêmio de participação, apenas um prêmio simbólico que intitulam de “Respeito”.

57 Página do Slam Odaka. Disponível em: <<https://www.facebook.com/slamondaka>> Acesso em: 23 nov. 2017.

58 Post da página do Slam Peleia convocando o público a levar presente. 23 nov. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/PresentesSlamPeleia>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

59 Assista a poesia “Deu (s) branco”, de Luz Ribeiro. Disponível em: <<http://bit.ly/DeusbrancoLuzRibeiro>> Acesso em: 22 nov. 2017.

60 Luz Ribeiro irá para França representar o Brasil na final mundial do *Slam*. Portal Geledés. 18 mar. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/LuzRibeiroVaiAFrança>> Acesso em: 22 nov. 2017.

61 Mel Duarte em entrevista ao Programa Nação | TVE - Slam de Poesia – 29 jul. 2017 <<http://bit.ly/NaçãoSlam>> Acesso em: 20 out. 2017

62 Mayara Vaz, vencedora do Slam Resistência 2016, fala de poesia, rap, rua e golpe. Coluna do Pedro Zambarda. Fev. de 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/mayaravaz>> Acesso em: 22 nov. 2017.

63 É possível saber mais da história internacional do Slam na página do Facebook do Slam do Grito. Publicado em 3 jul 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/HistóriaDoSlamPorGrito>>. Acesso em: 8 out. 2017.

64 Informações sobre no site da Secretaria de Cultura de São Paulo. Disponível em: <<http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/1199/>> Acesso em: 22 nov. 2017.

Smith passou a realizar os recitais de poesia em um clube de jazz de Chicago, com a intenção de trazer “novos ares ao formato de leitura de poesia em eventos de 'open mic' [microfone aberto]” onde qualquer pessoa pode subir ao palco e apresentar seu texto. [...] Em 1986, os encontros de “slam poetry” se espalharam por outras cidades dos Estados Unidos, o que levou a criação de uma grande competição anual nacional, a National Poetry Slam⁶⁵.

Após espalharem o *slam* pelos Estados Unidos, o formato foi levado à França, onde, segundo Souza (2011), se expandiu mais expressivamente na década de 1990.

[...] de lá tem se difundido pelo mundo, inclusive pelo Brasil. Essa poesia, produzida com vistas à recitação, encontra lugar em grandes concertos, mas principalmente em *performances* para públicos de ouvintes em pequenos espaços de concentração de pessoas, como bares e restaurantes, ou espaços destinados especificamente para a prática (SOUZA, 2011, pg. 2.).

Segundo Roberta Estrela D’álva⁶⁶, em entrevista à revista Caros Amigos⁶⁷, Marc Smith “queria devolver a poesia, que estava restrita aos ambientes formais e às regras da Academia, ao povo”. O evento surge com a intenção “[...] de atrair, além de poetas, espectadores e escritores que, muitas vezes, tem pouca intimidade com a 'poesia tradicional’”. Com isso, participam poetas, escritores, músicos, *rappers*, jornalistas, estudantes, etc. O texto do Slam do Grito ainda destaca a aproximação do *slam* com o Hip-Hop. Apesar de não haver uma ligação direta, a natureza poética e o microfone aberto são elementos em comum nas duas culturas. Isso faz com que muitos MCs também participem do *slam*, como é o caso, em Porto Alegre, do Deds, do Dos Santos e do Rafael Delgado - que concorre nas batalhas de rima de improviso⁶⁸ e também nos *slams*⁶⁹. O pesquisador Tiago Souza destaca a relação do Hip-Hop com o *slam* devido aos ambientes “fundamentalmente citadinos” de ambos, o que faz com que estejam “intimamente relacionados a atividades urbanas de interação social”(SOUZA, 2011).

65 É possível saber mais da história internacional do *Slam* na página do Facebook do Slam do Grito. 3 jul. 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/HistóriaDoSlamPorGrito>>. Acesso em: 8 out 2017.

66 Fundadora do Zona Autônoma da Palavra, slammer e apresentadora do programa Manos e Minas, da TV Cultura.

67 Matéria de 18 abr. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/PoeticaDasQuebradas>>. Acesso em: 9 out 2017

68 Participação do Rafael Delgado na 7ª edição da Batalha da 48, em Alvorada, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://bit.ly/Delgado7ªBatalhada48>>. Acesso em: 21 nov 2017.

69 Rafael Delgado foi campeão da 1ª edição do Slam do Trago, que aconteceu 29 out 2017, em frente ao Bar da Carla, que fica na antiga Ilhota, reduto negro de Porto Alegre, bairro atualmente chamado de Cidade Baixa. Ver fotos em: <<http://bit.ly/SlamDoTrago1ªEdição>>. Acesso em: 21 nov de 2017.

Na matéria "*Poética das quebradas*"⁷⁰, Ermi Panzo (Ermildo Panzo), escolhido como um dos oito maiores poetas da Panafrica, destaca a ligação da origem do *slam* a antigas tradições africanas e a um movimento literário que nos Estados Unidos é chamado de *spoken word*:

São discursos poéticos em torno das dores e das necessidades, um discurso de lamentação e crítica, que surgiu muito antes dos Poetry Slams. Eram prática comum entre as tribos escravizadas pelos colonos europeus e que foi levada para as Américas com os negros vendidos como escravos".⁷¹

Na França, o *slam* ganhou força nos centros urbanos na década de 1990, conforme já mencionamos. É lá que acontece a final mundial, anualmente, reunindo poetas de diversos lugares do mundo. Souza (2011) traz mais detalhes dessa expansão e como instituições ligadas ao país contribuem para que o formato siga se disseminando. No Brasil, por exemplo, tem relação com o Ano da França no Brasil, em 2009, organizado pelos Ministérios brasileiro da Cultura e das Relações Exteriores em parceria com o governo francês. No entanto, aconteceu uma disseminação generalizada em diversos centros urbanos, que é independente da iniciativa francesa (SOUZA, 2011).

4.1.2 O *slam* no Brasil

O primeiro campeonato de *slam* no Brasil foi o ZAP!, Zona Autônoma da Palavra⁷², em 2008, trazido pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, coletivo de São Paulo de Teatro Hip-Hop. É o que conta a reportagem, de dezembro de 2016, "*O que são Slams e como eles vem popularizando a poesia?*"⁷³, do Nexo Jornal⁷⁴, que aponta 30 *slams* como o "ZAP" pelo Brasil. No entanto, em 2017, só no Rio Grande do Sul, surgiram mais de 10⁷⁵. Não é possível

70 A poética das Quebradas. Revista Caros Amigos. 18 abr. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/PoeticaDasQuebradas>>. Acesso em: 9 out 2017.

71 A poética das Quebradas. Revista Caros Amigos. 18 abr. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/PoeticaDasQuebradas>>. Acesso em: 9 out 2017.

72 Para saber mais sobre o ZAP, veja reportagem *Campeonato de poesia incentiva surgimento de novos artistas* no Outras Palavras. Disponível em: <http://bit.ly/ZAPOutrasPalavras> Acesso em: 9 out 2017

73 Matéria disponível em: <<http://bit.ly/SlamNexoJornal>> Acesso em 9 out. 2017.

74 Portal Nexo. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/>> Acesso em 9 out 2017.

75 Como o Slam da Esplanada, na Esplanada da Restinga, que teve sua primeira edição no dia 19 nov 2017. Evento no Facebook: <<http://bit.ly/Evento1oSlamEsplanada>> Fotos do evento: <<http://bit.ly/1oSlamEsplanadaFotos>> Acesso em: 9 out

estimar quantos existem no Brasil neste momento, mas vale levar em consideração que a cada mês surgem novos por Porto Alegre e pela Região Metropolitana. Roberta Estrela D'alva é uma das idealizadoras do ZAP! e já representou o Brasil na Copa do Mundo de *slam* em Paris. Ela é curadora do Rio poetry Slam e do FLUPP⁷⁶ Slam. Além disso, organiza junto com o Bartolomeu o Slam BR, que é o campeonato nacional que reúne os vencedores dos estados. Em entrevista⁷⁷ à Fernanda Bastos, no programa Nação, da TVE⁷⁸, D'alva conta como foi ver o *slam* nos Estados Unidos e contribuir para que chegasse ao Brasil, se adiantando aos governos brasileiro e francês:

Eu estava fazendo uma peça na época que era a "Vai te catar", que era um solo de poesia falada. Aí eu viajei para Nova York, fui no Slam pela primeira vez. E quando eu voltei para o Brasil eu falei: "ah, eu quero ir no *Slam*". Procurei, procurei e não tinha *Slam* no Brasil. Então eu propus para o Bartolomeu para fazermos um. E De lá para cá, 2008 para cá, começou com um e hoje em dias tem mais de 50 e tantos em mais de dez estados. E o negócio está multiplicando, tá uma febre⁷⁹.

A matéria "*A poética das quebradas: saraus e slams abrem espaços para a arte na periferia*"⁸⁰, da revista Caros Amigos, traz um olhar sobre como alguns poetas de São Paulo chegaram até o *slam*. São oriundos de outros projetos de poesia, como o Poetas Ambulantes⁸¹ e Filhos de Ururáí⁸², ambos coletivos com a proposta de recitar poesia no transporte público. Tanto estes poetas da própria São Paulo como os do Rio Grande do Sul, tem como inspiração nesta caminhada pela popularização da poesia marginal o Sarau da Cooperifa (BALBINO, 2016). O Sarau iniciou em 2001, realizado por Sérgio Vaz e Marco Pezão. Amigos se reuniam em um bar às quinta-feiras (posteriormente conhecidas como quintas malditas) para recitar poesias e promover encontros multiculturais. Após migrar por outros bares, a sede atualmente é o Bar do Zé Batidão.

2017.

76 Festa Literária das Periferias <<http://flup.net.br/>> Acesso em: 9 out. 2017

77 Programa Nação de 28 jul. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/NaçãoSlam>> Acesso em: 20 out. 2017

78 Salve a comunicação pública!, principalmente a Fundação Piratini, ameaçada de extinção pelo governo de Ivo Sartori (PMDB).

79 Trecho da entrevista de Roberta Estrela D'Alva para o Programa Nação de 28 jul. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/NaçãoSlam>> Acesso em: 20 out. 2017

80 Matéria de 18 abril 2017. Disponível em <<http://bit.ly/PoeticaDasQuebradas>>. Acesso em: 9 out 2017

81 <<http://bit.ly/PoetasAmbulantes>> Acesso em: 9 out. 2017.

82 O projeto Filhos de Ururáí é uma intervenção poética realizada em espaços públicos, trem, metrô, bibliotecas e demais locais culturais. <<http://bit.ly/CanalYoutubeFilhosDeUruráí>> Acesso em: 9 out. 2017

Ali, firmou-se o sarau da Cooperifa, um dos mais importantes nesse contexto e que será abordado com mais especificidade mais adiante nessa pesquisa. Religiosamente, o sarau é realizado toda semana, por uma equipe chamada nos bastidores de “Família Cooperifa”, nos últimos 15 anos. Por lá, só existe uma regra: o silêncio é uma prece. E é obedecida com rigor toda vez que alguém vai ao microfone e a cada edição, a dezena sobe, chegando a mais de 70 poetas em uma única noite (BALBINO, 2016, p. 33).

Na 63ª Feira do livro de Porto Alegre, Sergio Vaz esteve presente e interagiu em diversos momentos com os slammers do Rio Grande do Sul, dentro do evento⁸³ e fora dele. Além do Cooperifa, em Porto Alegre, fortes referências para o movimento do *slam* são os saraus Sopapo Poético⁸⁴, o “ponto negro da poesia”⁸⁵, e Afro Gueto Urbano⁸⁶.

No entanto é preciso destacar que o *slam* é a porta de entrada de muitos jovens para a poesia, como foi o caso da Cristal, poeta que inicia este capítulo e que se abriu para o lirismo nas rodas do Slam Peleia. É o espaço de perderem a timidez, de se aventurarem nas rimas e de ver de uma outra forma o que é a poesia.

E a poesia marginal explica.
Foi o hip hop e não os decassílabos dos lusíadas que fez
muito moleque que hoje escreve
enfim parar de cheirar cocaína.

Este é um trecho do poema “Queria escrever uma música”, da slammer Marina Félix. A poeta se refere ao hip-hop, mas a fala pode se adequar ao efeito do *slam* nos estudantes atualmente.

4.1.3 O *slam* no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, o primeiro *slam* surgiu em dezembro de 2016. Foi o Slam das Minas, que é exclusivo para a apresentação de mulheres. Daniela Alves da Silva, 28 anos, e a amiga Vanessa Oliveira, 32, começaram a acompanhar o trabalho do Slam das Minas de Brasília. “Pensamos em trazer esse espaço acolhedor. A gente queria fazer rap de menina,

83 Matéria do Jornal do Almoço. Disponível em: <<http://bit.ly/LitMarginalRS>> Acesso em: 9 out. 2017.

84 Saiba mais sobre o Sopapo Poético. Disponível em: <<http://www.nonada.com.br/2015/11/sopapo-poetico-o-tambor-no-peito-da-comunidade-negra-de-porto-alegre/>> Acesso em: 9 out. 2017.

85 Blog do Sopapo Poético: <<http://sopapopoetico.blogspot.com.br/>> Acesso em: 9 out. 2017.

86 Página do AfroGueto Urbano no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/afroguetourbano>> Acesso em: 9 out. 2017.

mas vimos que várias não queriam batalhar, só que muitas têm poesia guardada”, explica Daniela na matéria *Poetry slam: competição de poesia falada ganha cada vez mais adeptos no Rio Grande do Sul*⁸⁷. Esta reportagem, de 21 de agosto de 2017, apontava quatro *slams* em Porto Alegre (o Das Minas, Peleia, RS e Chamego⁸⁸), além dos do Interior: o Slam da Montanha, de Caxias do Sul, o Slam Liberta, de Esteio, o Slam Poesia, de Pelotas, e o Slam Novo Hamburgo. Desde então, já nasceu o Slam da Matriz, em Viamão, o Slam Crânio, em Canoas, o Slam da Esplanada, no Bairro Restinga de Porto Alegre, o Slam do Trago, o Slam Vale das Minas, o Slam Secundas⁸⁹.

Para além das rodas de poesia competitiva, o *slam* está se espalhando de diversas formas na cidade, como em oficinas de escrita criativa voltadas para as rimas e transformando aulas de literatura – inclusive, uma das *slammers* que tem mais se destacado nos eventos de Porto Alegre é a Nati Gaspa, que é professora de literatura e tem proposto aos estudantes atividades relacionadas ao *slam* durante as aulas ou em momentos informais nos intervalos da escola. Expoente do movimento *slam* nacional, integrante do coletivo Poetas Ambulantes e envolvida no Slam das Minas de São Paulo, Mel Duarte atua com literatura independente há dez anos e veio a Porto Alegre dar uma oficina, em julho de 2017, no espaço Aldeia⁹⁰. Mel volta ao Rio Grande do Sul em dezembro de 2017 para participar de uma atividade em Alvorada, município da região metropolitana de Porto Alegre. O *slam* também marcou presença na 63ª Feira Do Livro de Porto Alegre, com o Slam Conexões⁹¹ e presença de poetas no Sarau Resistência e em outros espaços.

87 Matéria sobre Poetry Slam no ClicRBS. Disponível em: <<http://bit.ly/PoetrySlamClicRBS>> Acesso em: 10 out 2017.

88 O Slam Chamego é o primeiro do Brasil com a temática do amor. Slam Chamego: poesia e amor a céu aberto em Porto Alegre. 06 out. 2017 <<http://bit.ly/SlamChamegoPoesiaEAmor>> Acesso em: 10 out 2017.

89 Evento no Facebook da edição do Slam Secundas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/796248370566522/>> Acesso em: 10 out 2017.

90 Matéria do ClicRBS sobre as oficina de Mel Duarte na Aldeia. Disponível em: <<http://bit.ly/MelNaAldeia>> Acesso em: 10 out 2017.

91 Programação da Feira do Livro de Porto Alegre, em que o *slam* está incluído. Disponível em: <<http://www.feiradolivro-poa.com.br/programacao/05-11/>> Acesso em: 10 out. 2017.

4.2 A representatividade no *slam*

O som da fruta estranha ecoou no meu ouvido
 Aquela dor eu já havia sentido, não fui a única
 Não tem sentido pra eles
 O peso de quem já se foi e honrou minha história
 Mesmo que nos livros tenham sido apagadas as suas glórias
 Nesse acervo de incógnitas que crescem mais
 Na pele preta eu vi em forma de poesias ancestrais
 Tive que correr atrás
 Da luta
 Sem conhecimento do meu povo
 Eu temo mesmo é ficar muda⁹²

Este é um trecho de um poema da Cristal Rocha, mulher negra de 15 anos que é uma das vozes que surgiram com força nos *slams* de Porto Alegre em 2017. Cristal venceu o Slam Peleia e após isso levou a final estadual, que reuniu 22 poetas. Em dezembro de 2017 foi a São Paulo para disputar SlamBr⁹³. Ela e Bruno Negrão representaram o Rio Grande do Sul na competição. Nestes poucos versos a poeta evoca a sua ancestralidade negra, a importância da oralidade e da transmissão de saberes, a tentativa de invisibilização das narrativas históricas do povo negro. Juntamente com outras mulheres negras, homens negros, mulheres, homossexuais, Cristal Rocha é “autêntico veículo de narrativa da sua história”⁹⁴ que se destaca nos *slams* pelo Brasil.

O movimento que se espalha pelo país vem popularizando a poesia⁹⁵ nos espaços públicos. Os *slams* incentivam o surgimento de poetas e de experiências inovadoras relacionadas à poesia periférica, como novos formatos de aulas de literatura ou de momentos de entretenimento. A pesquisadora Jéssica Balbino, autora da pesquisa “*Pelas Margens*”⁹⁶, em entrevista para o *Nexo Jornal*⁹⁷, comenta que o apelo entre os jovens pode

92 Confira a recitação em vídeo no perfil pessoal da Cristal no Facebook: <<http://bit.ly/CristalConexões>> Acesso 20 out. 2017.

93 Na edição de 2016, participaram poetas de 29 *slams* 17 de São Paulo, 4 do Rio de Janeiro, 4 de Minas Gerais, 2 de Brasília e 2 da Bahia. Em 2017, Cristal e Bruno Negrão representam, pela primeira vez, o Rio Grande do Sul na etapa nacional.

94 Trecho da entrevista do Mestre Telmo, vocalista da Banda Kalunga, para o Nonada – Jornalismo Travessia. Disponível em: <<http://www.nonada.com.br/2016/10/mestre-telmo/>> Acesso em: 15 nov 2017.

95 O que são *slams* e como eles vem popularizando a poesia? *Nexo Jornal*. 20 dez. 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/SlamNexoJornal>> Acesso em: 15 nov 2017.

96 Jéssica Balbino é pesquisadora da literatura marginal e hip hop. Em sua pesquisa de mestrado, fez um mapeamento das mulheres na literatura marginal/periférica. Disponível em: <<https://margens.com.br/>> Acesso em: 15 out 2017.

97 Matéria no *NexoJornal*. Disponível em: <<http://bit.ly/SlamNexoJornal>> Acesso em: 20 out. 2017.

acontecer talvez pelo caráter competitivo, talvez pelo caráter performático, mas existe uma crescente presença do público, o que é muito bom, porque justamente exercita o ouvir (BALBINO, 2016). Os poetas escutados pela reportagem da *Caros Amigos* traçaram caminhos semelhantes: "eram crianças ou jovens pobres, que se sentiam deslocados e diminuídos por alguma razão, e que experimentam uma catarse ao participarem pela primeira vez de um sarau ou *slam*". E, apesar de alguns *slams* se darem em lugares centrais, a quantidade de poetas moradores desta região é menor em relação aos que vem da periferia. A presença de homens brancos, no público, como ouvintes ou, principalmente, como competidores, é minoritária frente a outros recortes. Para se ter ideia, dos oito vencedores do Slam Peleia em 2007, cinco são mulheres e três homens negros. No Slam Conexões, que reuniu 22 ganhadores do Slam Chamego, Slam das Minas, Slam Peleia e Slam RS, os três finalistas foram Pumes, Bruno Negrão, homens negros, e Cristal, mulher negra. Todos com poesias sobre ancestralidade, negritude, racismo.

A slammer Mel Duarte venceu, em 2016, o Slam Internacional da Festa Literária das Periferias (Flupp), uma feira de literatura marginal que acontece no Rio de Janeiro. O Festival tem três anos e esta é a primeira vez que uma brasileira vence. Como já falamos aqui, Luz Ribeiro foi a primeira mulher a vencer a etapa nacional, em 2016. Em maio de 2017, representou o Brasil na França. Cristal Rocha venceu a primeira edição da final do Slam gaúcho, em outubro de 2017. Dos oito vencedores do Slam Peleia, que foram para a final gaúcha, cinco eram mulheres e três, homens negros. Uma delas é Cristal Rocha, que, em entrevista para o *Jornal do Almoço*⁹⁸, fala o que representou para ela sua participação no *slam*:

Foi a minha descoberta de saber quem eu sou e o lugar que eu ocupo no mundo, como mulher, como negra, como pobre, que enfrentou várias dificuldades na vida. Foram as minhas vivências. E estar na roda de poesia fez com que eu me identificasse com pessoas que tem as mesmas vivências que as minhas.⁹⁹

98 Na matéria, *Literatura Marginal: poetas da periferia encontram seu espaço por meio de gênero*. *Jornal do Almoço*, 18 nov. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/LitMarginalRS>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

99 Entrevista de Cristal Rocha para o *Jornal do Almoço*, dia 18 de novembro de 2017. <<http://bit.ly/LitMarginalRS>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Conforme revelado em entrevistas, posts de agradecimento no Facebook ou mensagens no próprio *slam*, enxergar-se em outras poetas foi um dos fatores que encorajou aquelas que não recitavam ou escreviam antes do *slam*. Isso vem através da identificação com outra(s) poeta(s), mas também da sensação de se reconhecer nos versos próprios e alheios. Mel Duarte falou do seu processo para o programa Nação, da TVE.

Quando eu comecei a escrever eu me questionava muito quem eram as mulheres negras que escreviam, onde elas estavam, se elas eram acessíveis. Eu demorei muito para conhecer essas mulheres, para ter acesso aos livros dessas mulheres. Conforme eu fui crescendo, fui sentindo a necessidade de falar sobre questões que eu como mulher negra passava, questões que eu percebia para com a sociedade. Eu entendi que aquilo era importante falar sobre este tema.¹⁰⁰

O crescimento do protagonismo das mulheres nos espaços de poesia é destacado por Jéssica Balbino, na *Caros Amigos*: "Antes elas não eram convidadas. Os ciclos de literatura eram sempre com 10 homens e uma mulher cumprindo cota" (BALBINO, 2017). Essa presença se reflete também na criação de novos espaços, como são Saraus como o da Ponte pra Cá e o das Pretas – produzido por cinco mulheres negras: Tatha Alves, Débora Garcia, Elisandra Souza, Jô Freitas e Taissol Ziggy; o Slam das Minas, que começou em Brasília e hoje acontece em São Paulo e em Porto Alegre¹⁰¹; o Sarau das Manas, de Campinas, e o Slam Vale das Minas, de Porto Alegre¹⁰².

Ao comentar sobre autores que surgiram através dos saraus de poesia periférica do Brasil na virada do século, o autor mexicano Alejandro Reyes ressalta a importância da fala de quem sistematicamente e historicamente teve (e tem) suas narrativas invisibilizadas na história do país:

Na última década, uma profusão inusitada de obras de autores oriundos das periferias urbanas, favelas e prisões se fez presente na produção literária brasileira. Trata-se quase sempre de uma literatura de autorrepresentação, com uma dimensão política e social importante – a enunciação de realidades invisibilizadas, feita por setores sociais que historicamente têm tido um acesso mínimo à palavra escrita, em um contexto no qual a língua, sobretudo escrita, tem servido como mecanismo de dominação desde os tempos coloniais (REYES apud BALBINO, 2016, p.15).

100 Programa Nação de 28 de jul. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/NaçãoSlam>> Acesso em: 20 out 2017.

101 A décima segunda edição aconteceu no dia 11 nov. 2017, na Casa de Cultura Mario Quintana. Evento no Facebook: <<http://bit.ly/SlamDasMinas11ªEdição>> Acesso em: 15 nov 2017.

102 Página do Slam Vale das Minas no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/slamvaledasminas/>> Acesso em: 15 de nov. 2017.

Concordo com Balbino quando ela diz que os *saraus* e o *slams* tem um potencial de romper com monopólios, seja da informação, seja da literatura, o que acaba criando, como diz Balbino (2016) “[...] à sua maneira, canais alternativos para difusão de ideias próprias que não condizem com as ideologias dominantes, garantindo assim, aos periféricos, a real voz e amplificação da mesma, garantindo que esta seja ouvida”. Quebra monopólios tanto por possibilitar que novos olhares surjam, mas também por possibilitar que quem está sempre a conhecer a história dos “de cima” – construída a partir da desigualdade racial e de gênero nas autorias de livros didáticos e de literatura, na ancoragem de veículos de imprensa, na direção de filmes, na probabilidade de seguir vivo - entre em contato com estas outras visões do cotidiano, da estrutura, dos sentires. Com a expansão de *saraus*, de *slams*, da literatura marginal/periférica de modo geral, Balbino sugere uma inversão no conceito da autora indiana Gayatri Spivak, o de que “os subalternos não podem falar” (SPIVAK, 1985). Balbino (2016) diz que os poetas passaram por um processo de reconhecimento da própria voz, o que reverberou na utilização de falas, poesias, publicação de livros e até na criação de selos literários.

Neste sentido, o *slam* se configura em um espaço de expansão e de reconhecimento dessas falas. Como disse o poeta e organizador do Slam Resistência, de São Paulo, Robsoul Mensageiro, o *slam* é “[...] um espaço de transmitir a essência: aqui cada um fala da sua etnia, da sua luta, empoderamento, fala das causas políticas. Aqui a gente bota para fora o que não nos agrada e também ressaltamos nosso orgulho pelo que somos”¹⁰³. Corrobora com a entrevista¹⁰⁴ de Bruno Negrão, poeta gaúcho que tem se destacado na cena estadual e nacional¹⁰⁵: “[O *slam*] Acabou dando a chance de expressar aquilo que eu sempre vi. Costumo dizer que eu não faço nada muito espetacular, eu falo sobre aquilo que eu vejo, aquilo que eu vivo no dia-a-dia. Só faço rima em cima”¹⁰⁶.

103 Fragmento da matéria “Realidades das periferias são contadas em poesias na final do Slam Resistência em São Paulo”. 14 dez. 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/FinalDoSlamResistencia>> Acesso em: 10 out 2017.

104 Na matéria, Literatura Marginal: poetas da periferia encontram seu espaço por meio de gênero. Jornal do Almoço, 18 nov 2017. <<http://bit.ly/LitMarginalRS>>. Acesso em: 21 nov 2017.

105 Bruno Negrão participou da final do FLUPP Slam 2017 e participa, com Cristal, da final nacional do Slam BR, em dezembro de 2017, em São Paulo.

106 Entrevista de Bruno Negrão para a Matéria Literatura Marginal: poetas da periferia encontram seu espaço por meio de gênero. Jornal do Almoço, 18 nov, 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/LitMarginalRS>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

A importância da representatividade não restringe quem pode ou não participar do *slam*. Justamente estamos tentando, com esta pesquisa, entender o valor do homem branco heterossexual em reconhecer seu lugar de fala (e de escuta) neste espaço. Roberta Estrela D'alva ressalta, no programa Nação, que o *slam* é um lugar da diversidade em que todas as pessoas são bem-vindas.

Hoje o *slam*, pelo próprio levante que a gente vive das forças brancas heteronormativas, ele está bastante calcado nas questões de gênero e raça. Isso não é uma regra, pois o *slam* é o espaço da diversidade. O que inspira a gente a fazer o *slam* é essa diversidade. O *slam* é o espaço que qualquer pessoa chega, qualquer pessoa se inscreve, qualquer pessoa fala, não precisa de credencial nenhuma, não precisa de estilo nenhum, não precisa de estudo nenhum, nem de pré-requisito nenhum. Todas as pessoas são bem-vindas¹⁰⁷.

Mariana Felix, frequentadora de *slam* desde 2013 e campeã de vários deles em São Paulo, defende, em entrevista ao portal G1¹⁰⁸, que o *slam* é um espaço, não dado na sociedade, em que se pode discutir questões como a igualdade entre os gêneros. Espaço que normalmente não é dado e que, quando existe, os homens brancos héteros tem privilégio na fala (como já evidenciamos no capítulo 3). Questionada em uma entrevista sobre sua timidez, Luz Ribeiro diz que acredita que tem pessoas que nascem tímidas e outras que se tornam:

[...] a condição estrutural, cultural, social a qual eu estive a vida toda inserida e ainda estou, propiciou para que eu me tornasse uma pessoa tímida. Mulher nunca teve de fato um lugar de fala respeitado. E aí você ainda faz essa separação mulheres negras... ninguém nunca quis ouvir mulheres negras. Aí é aquilo. Você vai falar, o cara está falando, aí é mais importante do que você falando.¹⁰⁹

Assim como mulheres negras e homens negros se sentem encorajados a recitarem ao verem pessoas com que se identificam declamando suas poesias (e entre os fatores para essa identificação estão a raça, o gênero e a classe social), que sentimentos pode um poeta branco heteronormativo despertar?

107 Programa Nação de 28 jul. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/NaçãoSlam>> Acesso em: 20 out. 2017

108 Competições de poesia crescem em SP e dão voz a artistas da periferia – G1. 20 mar. 2016.

<<http://bit.ly/G1PoesiaCresceSP>>. Acesso em 10 out. 2017.

109 Entrevista de Luz Ribeiro para o Programa “Prazer, eu sou!”, de 8 ago. 2017. Disponível em:

<<http://bit.ly/LuzRibeiroEntrevista>> Acesso em: 20 de out. de 2017

4.3 O silêncio é uma prece

Em todo o *slam*, antes do poeta começar a recitar, existe uma vinheta, que é própria de cada evento. No Slam Chamego, por exemplo, é puxada pelo mestre de cerimônia a frase “Abaixa a guarda e abre o peito”, enquanto o público responde com “Slam Chamego”. No Slam Conexões, “poesia e resistência que arrastam multidões... Slam Conexões”. No da Esplanada é “Tinga teu povo declama poesia na quebrada... Slam Esplanada”. São algumas das deixas para a poeta começar a recitar. Além dessa comunicação, existem placas distribuídas ao público. São mensagens de incentivo, como “Ças Mina”, “Pow pow”, “Musa”, “Credo” (de crítica às notas dadas pelos juízes) e há uma inspirada em uma frase difundida no Sarau da Cooperifa e título deste trabalho: “O silêncio é uma prece”. Quando há algum burburinho ou roda de conversa se formando, a placa é mostrada para quem está atrapalhando. Este pedido também é reforçado pelas mestras de cerimônia, que costumam dar incentivos e recados entre as poesias. Algumas mensagens estão relacionadas à importância do silêncio, com menções à raridade de um espaço para se escutar no ritmo de correria e de barulhos da cidade. Em que outros momentos paramos por mais de hora para escutar o que os outros têm a dizer?

Eu sempre costumo falar que os saraus, os *slams*, são essa necessidade da tribo, se reunir em volta do seu fogo como os primitivos, nossos ancestrais faziam para contar suas histórias, os guerreiros, onde se passa conhecimento. Quando uma tribo quer se extinguir, por exemplo, tem tribos que fazem isso, elas param de contar suas histórias¹¹⁰.

Ao falar sobre o ato de ouvir, Roberta Estrela D’alva traz a reflexão da escassez de zonas que permitam isso e relaciona o *slam* a tribos e a Zonas Autônomas Temporárias (TAZ), conceito de Hakim Bey (1985) para espaços libertários que surgem e se esvaem na cidade:

110 Fala da pesquisadora, atriz, MC, poeta e slammer Roberta Estrela D’alva, durante o evento Biqueira Literária, no Sesc Campinas em junho de 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/DalvaSesc>> Acesso em: 22 nov. 2017

A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la (BEY, 1985, p. 7.)

Entendo que, para além das opressões diárias impostas pelo mercado de trabalho e pela violência do Estado, o *slam* pode se adequar ao conceito de TAZ por ser um espaço em que a opressão do privilégio de fala do homem branco hétero se dissolve na poesia negra e das mulheres.

Em sua pesquisa, Tiago Souza (2011) traz um trecho do livro *Le slam en politique de la ville: un terrain de poésie, écoute et de diversité culturelle*, em que destaca como o fato de escutar o outro, mas também de, para algumas pessoas, exercitar o discurso em público, implica em questões como respeito e afirmação de si, o que remete aos conceitos trazidos no capítulo 3 deste estudo, sobre como a poesia diz respeito à criação de narrativas próprias, mas, antes disso, pode potencializar identificação cultural como sujeito.

A tomada da palavra em público, enquanto escuta ativa entre o indivíduo e o grupo, conduz a um respeito de si, como do outro. O terreno *slam*, um terreno de experimentação do seu próprio discurso para aprender a se confrontar com os outros. Ele permite a afirmação de si dando o direito ao erro, sabendo que o objetivo a atingir é a partilha de suas ideias. Preparar um texto e dizê-lo aos outros contribui para dar confiança ao indivíduo sobre sua capacidade de criação, participa da afirmação de sua identidade e conduz à valorização necessária para uma inserção social e profissional (SLAM PRODUCTIONS apud SOUZA, 2011, tradução do autor).

A escuta diz respeito à relação com o outro e à discussão de lugar de fala, conforme tratamos nos capítulos anteriores. Roberta Estrela D'alva, em entrevista para o programa Nação¹¹¹, ressalta que a experiência do *slam* é muito mais sobre ouvir do que falar, mesmo para os poetas, pois, mesmo se o ele chegar à final, vai ter em torno de apenas 9 minutos para recitar, contra mais de duas horas de escuta de outros poetas.

Então é uma experiência de aprender a ouvir uma opinião que é diferente da sua às vezes. De aprender a dar ouvido a alguém da mesma maneira que a outra pessoa dá ouvido a você. Aprender a ouvir da mesma maneira que você

111 Programa Nação de 28 jul. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/NaçãoSlam> Acesso em: 20 out 2017.

fala. Então o que o *slam* tem de mais importante para ensinar para gente é a ouvir. É sentar ali e praticar essa ágora, política, poética¹¹².

Seguindo nessa linha, Souza (2011) destaca o valor do "receptor" no processo de difusão da palavra no *slam*.

Entendemos, portanto, que está no receptor o foco da ação, pois, sobretudo quando se trata da situação de *performance*, ele tem em sua função grande relevância, dado o irrefutável valor da presença física concomitante do produtor e do receptor, da suscetibilidade desse último em relação à ação que se processa, da abertura de todos os seus sentidos na expectativa da interação com o outro (SOUZA, 2011, p. 6).

Dentre os diversos elementos que se poderia destacar do *slam*, escolhi falar sobre a representatividade – transversalizada por lugar de fala e por privilégio branco - e a escuta, pois acredito que são dois prismas importantes para se pensar a nossa presença neste espaço. Como já mencionado, este é o foco do trabalho, entender como o ouvinte, através do recorte do homem branco heterossexual, atribui sentidos à experiência de escuta no *slam*, conforme analiso no capítulo seguinte.

112 Fala de Roberta Estrela D'Alva para o Programa Nação de 28 jul. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/NaçãoSlam> Acesso em: 20 out. 2017.

5. ESCUTANDO OS HOMENS BRANCOS HÉTEROS SOBRE A ESCUTA NO *SLAM*

Este capítulo apresenta a pesquisa empírica sobre a experiência de escuta no *slam*. Abordo aqui os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, o perfil dos participantes do estudo, a realização do grupo focal e a análise de conteúdo dos relatos obtidos com a discussão entre homens brancos heterossexuais e ouvintes do *slam*. Demonstro, por meio da categorização e interpretação dos resultados da pesquisa, os sentidos atribuídos a essa experiência pelos sujeitos que são o foco da pesquisa, conforme se verá a seguir.

5.1 Metodologia

Para atingir os objetivos deste estudo, propus a realização de um grupo focal, método de pesquisa qualitativa¹¹³. Segundo Kitzinger e Barbour (1999, p. 20), “qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando as interações do grupo”. O grupo focal é uma metodologia que consiste em gerar e analisar a interação e a discussão acerca de um determinado tema entre um grupo de pessoas, o que o difere da entrevista, na qual são feitas questões para cada integrante do grupo pesquisado de forma individual (FREY E FONTANA apud BARBOUR, 2008). Para esta pesquisa, convoquei, por meio do meu perfil em rede social¹¹⁴, participantes que se enquadrassem no perfil pretendido: homens brancos, heterossexuais, que tivessem participado como ouvintes de pelo menos duas edições do *slam*.

113 Nas ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada. Ela é como escreveu Robert Farr (1982), “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista” (BAUER e GASKELL, 2000).

114 Texto publicado no meu perfil do Facebook e nos eventos dos Slams convocando voluntários para participar do grupo focal: “E aí, galera. Licença aí pra um pedido de ajuda. Estou fazendo um trabalho de pesquisa sobre o ato de escutar no *Slam*. Meu objetivo é saber mais sobre o que homens brancos héteros sentem nas rodas de poesia quando estão no lugar de público. Para isso, pretendo fazer um grupo focal (como se fosse uma roda de conversa, guiada por algumas perguntas minhas) entre homens que estiveram em *Slams*, de preferência que um deles seja a Final Gaúcha do Slam (Slam Conexões), do dia 2 de novembro. Mas pode ser em qualquer um. São perguntas bem básicas, sobre sentimentos, não precisa ter nenhuma reparação, só as lembranças de como se sentiu durante a final. Vou perguntando, incentivando essas lembranças. Provável que o papo toque em temas como privilégio, masculinidade, branquitude. A ideia é que seja de 6 a 10 caras, em diálogo, todos nós conversando juntos. A conversa vai ser gravada, com o áudio descartado após a pesquisa ser escrita. Os nomes de vocês não vão ser identificados na pesquisa. O papo vai acontecer na quinta-feira, dia 30, das 19h às 21h (2 horas de duração, no máximo dos máximo), na Comuna do Arvoredo (Rua Fernando Machado, 464. Centro). Agradeço muito se tu puder dar essa força e participar ou se puder marcar algum amigo aqui que possa. Qualquer dúvida, comenta aí ou me manda uma mensagem. Valeu demais!”

A proposta inicial era compor um grupo de 6 a 10 participantes, quantidade média recomendada por autores que abordam a metodologia, como Pereira (2004) e Sena e Duarte (2004). Na data proposta para a realização do grupo focal, porém, apenas 5 pessoas compareceram. Optei por realizar a discussão mesmo assim e verificar se, mesmo com número limitado de participantes, conseguiria obter dados suficientes para atingir os objetivos do estudo, ou se, ao contrário, seria necessário organizar outro grupo focal ou, ainda, realizar entrevistas qualitativas, outra metodologia que poderia servir aos propósitos deste estudo. Nesse sentido, considerei a perspectiva de Pizzol (2004), para quem o tamanho ótimo para um grupo focal é aquele que permita a participação efetiva dos participantes e a discussão adequada dos temas.

Assim, a discussão com os 5 participantes revelou-se profícua em termos de dados e possibilidades de análise e interpretação, motivo pelo qual a considerei suficiente como pesquisa empírica deste trabalho. Foi uma experiência que permitiu a exposição de argumentos sobre temáticas pertinentes ao estudo, como masculinidade, branquitude e escuta do *slam* – um momento de aprender a olhar o Outro (ECKERT E ROCHA, 2008)¹¹⁵ para conhecê-lo e conhecer-se a si mesmo. Embora não fossem critérios de seleção dos participantes, três características acabaram sendo gerais para o grupo: os participantes eram jovens (idades de 23 a 31 anos), universitários e sensíveis às questões e reflexões acerca do racismo e de outras formas de desigualdade. Esta última característica enquadra o grupo no que Cardoso (2010) chama de “branquitude crítica”, que é aquela pertencente ao indivíduo ou ao grupo de brancos que desaprovam publicamente o racismo. Na próxima seção, apresento um breve perfil de cada participante, baseado em seus próprios depoimentos durante a realização do grupo focal.

115 Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha trazem estas perspectiva em relação à pesquisa etnográfica. No entanto, me pareceu adequado a este ponto de aprendizagem de mão dupla, algo que foi sinalizado também pelos participantes nas conversas de bastidores.

5.2 Perfil dos participantes

Luiz¹¹⁶ tem 25 anos, é formado em publicidade pela UFRGS e trabalha em uma produtora de vídeo. É integrante de um grupo de RAP. Divide um apartamento alugado com dois amigos em um bairro nas imediações da região central da cidade. Mais da prosa, nunca foi grande leitor de poesia, embora o pai seja poeta, com livros publicados. Acredita que o fator comum entre a juventude é a poesia através da música, o que se dá, no seu caso, principalmente, pelo seu contato com o RAP. Gosta de pensar na poesia como uma substância, não somente na forma de poema escrito. "É um éter, uma matéria-prima, e aí se entende a poesia no pôr-do-sol, no *slam*, no canto do passarinho, até em uma chacina, no sangue escorrendo no chão". Já escreveu alguns poemas, mas desenvolveu mais compondo músicas.

Moreira está se formando em jornalismo na UFRGS, tem 27 anos. Atualmente trabalha em uma StartUp e mora de aluguel com um amigo em um apartamento no centro histórico da cidade. Apesar de ter estudado e lido poesia no colégio, não tem atualmente interesse por poesia escrita. "Meu livro de cabeceira é um romance, não será um de poesia". Entende que seu contato com a poesia se dá por meio da música, que ouve bastante. Escreveu poesia somente em trabalhos da escola.

Fernando tem 23 anos, está se formando em engenharia da computação na PUCRS. Após um período morando sozinho em uma pensão na capital do estado, voltou a viver com a mãe e o irmão em uma casa em Viamão, região Metropolitana de Porto Alegre. Trabalha como analista de testes em uma empresa de tecnologia e seu hobby é estudar. Por influência do irmão mais velho, passou a admirar RAP, através de bandas como *RZO* e *Sabotage*. Nunca foi muito ligado à literatura e poesia escrita. Acredita que o contato com a poesia se deu através do próprio RAP e também do Reggae. Recentemente acabou um namoro, o que o fez começar a escrever. Pensa em expor estas poesias no *slam*. Atualmente, posta algumas que escreve no Facebook: "É necessidade de escrever, não é uma coisa que tu faz para querer aparecer ou querer se mostrar".

116 Os nomes dos participantes foram alterados para manter o anonimato neste trabalho, como consta no Termo de Consentimento de Participação (Apêndice B), assinado por eles.

Marcos tem 28 anos e mora com a mãe em um bairro das imediações do centro. Está se formando em Políticas Públicas na UFRGS. Trabalha na Secretaria Municipal da Saúde, 8 horas por dia de segunda à sexta. Está “perdido na vida, tentando se achar”. Seu contato maior com a poesia também se dá através da música: reggae, rap, MPB. Ou através de páginas de poesia no Facebook. No entanto, não procura por poesia escrita, por autores. "O *slam* me interessa pela possibilidade de ouvir poesia com outras histórias diferentes da minha. Ouvir, ao meu ver, passa muito mais o significado da letra". Escreveu poesia só em trabalho de colégio.

Moisés tem 31 anos, estuda Nutrição na UFRGS. Passou por outros cursos na instituição, mas não os concluiu. Atualmente trabalha e recebe uma bolsa no Núcleo de Economia Alternativa, onde, por exemplo, faz um acompanhamento nutricional dos produtos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Pelo menos há oito ou nove anos tenta participar de eventos políticos, porém sem integrar movimentos ou coletivos. Há muitos anos escreve poesia, normalmente não mostra. Moisés já recitou no Verso Livre do *slam*. Foi um poema de 2014, reformulado. Dos participantes, foi o único que teve essa experiência.

Com exceção de Fernando, que foi convidado pessoalmente por uma organizada do *slam* para conhecer o movimento, todos os outros participantes tiveram contato anteriormente através de vídeos - de poetas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre - que viram no Facebook ou no Youtube.

5.3 Realização do grupo focal e processo de análise

Segundo Barbour (2008), no grupo focal, é importante um estímulo ativo à interação do grupo, a fim de conduzir uma discussão de acordo com as temáticas abordadas pelo estudo e garantir que os participantes conversem entre si, em vez de só interagirem com o pesquisador. Para tanto, são necessários o desenvolvimento de um roteiro de questões e a seleção de materiais de estímulo à interação. Neste sentido, a atividade proposta foi guiada por algumas perguntas abertas (Apêndice A), mas teve caráter de diálogo, em que um intervinha na fala do outro, discordando, concordando ou complementando. Além disso,

havia a proposta de exibir dois vídeos com a declamação de poemas, um do Bruno Negrão¹¹⁷, sobre branquitude e racismo, e outro da Mariana Bavaresco¹¹⁸, sobre machismo. Pela restrição de horário dos participantes, no meio da prática, decidi suprimir a exibição do poema da Mariana para poder contemplar as perguntas finais, que de qualquer modo tocavam no tema do machismo, mas também (e principalmente) na questão da escuta, ponto principal deste trabalho. Os participantes assinaram um termo de consentimento de participação (Apêndice B), conforme diretrizes éticas de pesquisa. Seus nomes foram alterados para manter o anonimato neste trabalho.

Durante as quase duas horas de conversa, seguimos um roteiro de questões mais abertas sobre a relação com a poesia e fomos fechando aos poucos, primeiro sobre como viam o *slam* e o protagonismo no *slam*, depois focando em racismo, privilégio branco, machismo e lugar de fala. Entendo que todos os participantes possuem em comum o fato de se questionarem acerca do seu racismo e dos seus privilégios e de serem sensíveis aos conteúdos dos poemas expostos no *slam*. Entendem não serem os protagonistas do *slam*, mas se sentem à vontade para recitar se quiserem, tanto é que Moisés já recitou e os outros, com exceção de Marcos, pensam em fazê-lo.

A seguir, apresento uma análise dos relatos obtidos em aproximadamente duas horas de discussão entre os participantes do grupo focal, realizado no dia 30 de novembro de 2017, no salão do espaço Comuna do Arvoredo, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Conforme anunciado previamente aos participantes, e também incluso no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), as duas horas de conversa e debate foram gravadas, em formato mp3. Posteriormente, escutei a gravação e fiz a transcrição do áudio.

A análise da discussão realizada pelos participantes – *corpus* deste estudo – foi feita com base em metodologia específica, utilizando alguns elementos de orientação da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Após sucessivas leituras do material transcrito, no esforço de interpretar os relatos dos participantes, organizei a análise por meio do que Bardin (1977) chama de categorização.

117 Bruno Negrão, na 3ª etapa do 5º Slam Peleia, dia 21 jun. 2017, no Largo Zumbi dos Palmares. Disponível em: <<http://bit.ly/2B8gEV1>> Acesso em: 20 nov. 2017.

118 Mariana Bavaresco durante o Slam Liberta + Slam RS. Não tem data nem o nome do poema no vídeo, mas fala de como o homem vê e se relaciona com as mulheres. Disponível em: <<http://bit.ly/2hOzIFI>> Acesso em: 20 nov. 2017.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia) com os critérios previamente definidos (BARDIN, 1977, p. 117).

A categorização se relaciona aos objetivos da pesquisa. No caso deste trabalho, as categorias correspondem aos diferentes sentidos que homens brancos heterossexuais atribuem à experiência de escuta do *slam* – incluindo questões como o deslocamento de um lugar de fala/enunciação para um lugar de escuta, o surgimento de narrativas não-hegemônicas e a possibilidade de coabitação entre brancos, negros, mulheres, gays, etc. no espaço público.

Antes de apresentar as categorias diretamente relacionadas à experiência de escuta do *slam*, discuto aspectos importantes do discurso dos participantes do grupo focal que são ligados à temática do estudo, tais como: a condição do homem branco, a compreensão sobre a ideia de lugar de fala e a relação com processos de escuta. Ao longo da análise, resgato alguns trechos dos relatos dos participantes do grupo focal que servem para ilustrar pontos relevantes da discussão.

5.4 A condição do homem branco, lugar de fala e relação com a escuta:

Como já citei, os participantes do grupo focal são brancos críticos (CARDOSO, 2010), ou seja, negam o racismo publicamente. Para além disso, pelas suas falas no grupo focal, reconhecem que são privilegiados e que não sofrem preconceitos da sociedade por serem homens ou por serem brancos. Luiz traz um exemplo de sua adolescência, da vivência de dois amigos negros, para entender o que ele não passou e não passará como branco. Em um mercadinho que Luiz sempre ia quando adolescente, certa vez foi barrado por estar acompanhado pelos amigos negros. "O dono falou que atendia na porta. Eu deveria ter 15 anos e os caras deveriam ter 16. 'Atendemos na porta'. Nunca tinha acontecido isso, não existe aquele procedimento. Naquele dia nos mandou ficar na porta. Sutil. Delimitando, vocês ficam aí". Outros exemplos semelhantes surgem. Moisés diz ter sido considerado, por ter sobrenome alemão, "gente boa" por um feirante. Luiz relembra um elogio que recebeu de senhoras no supermercado, segundo ele, devido ao "padrão de branquitude". Moisés conta que, enquanto se dirigia para o grupo focal, uma menina se assustou com a sua presença

caminhando atrás dela, mas, quando viu que ele era branco, se aliviou. "E se fosse um menino negro? De vez em quando eu manguieio¹¹⁹ no mercado, mas não me olham. Não desconfiam de mim. Se tu é negro, tu é seguido do começo ao fim".

Os participantes aparentam pensar sobre seu lugar como branco e como homem constantemente, no entanto, mostram algumas divergências conceituais sobre o fato de ainda serem racistas ou não, separando muito esta noção entre atitudes conscientes e inconscientes. Entendo que não se sentem racistas quando tomam atitudes conscientes, a partir de uma racionalização sobre a problemática do racismo (por exemplo, admiram a cultura negra, não menosprezam esta população, acreditam na busca de igualdade). No entanto, veem o racismo estrutural agindo nos seus atos inconscientes (atravessar a rua quando vê um negro, preconceito em relação ao uso de determinado tipo de roupa, etc.). Para Moreira, estamos o tempo inteiro julgando e construindo a imagem da outra pessoa, seja por sua vestimenta, por preconceitos em relação à cor da pele, entre outros. "Eu não acredito que quem vive em Porto Alegre não tem esse tipo de pensamento. Estou fazendo isso o tempo inteiro e acho que todo mundo faz. Acho que é natural, construir da onde saiu essa pessoa". Moisés relatou que, nesse ano, ficou com três meninas negras e, a partir daí, se questionou sobre o quanto essas relações aconteceram apenas para mostrar que ele é um homem inclusivo, tentando provar, inclusive para si mesmo, que é tolerante.

Moisés diz que não podemos cair na ideia de que, por ter nascido homem branco, estamos fadados a ser racistas e machistas.

Eu não estou dizendo que eu não tenho vantagens por ser homem branco. A vida inteira talvez provavelmente eu vou ter essas vantagens - acho que dificilmente essa sociedade mude enquanto eu estiver vivo. Só que isso não significa que eu não possa estar me questionando (MOISÉS).

Fernando fala sobre uma desconstrução constante, um movimento de tomada de consciência sobre seus atos. Este movimento é algo que contempla as atitudes dos outros participantes na tentativa de lidar com o racismo e o machismo estrutural. Moreira diz que tem feito um esforço racional, que nem sempre funciona, várias vezes não funciona, na tentativa de se liberar desses preconceitos. Para Moisés é muito mais difícil e triste se ver

119 Verbo que significa "usar de artifícios para obter o que se deseja; engodar, iludir". No sentido dado usado no texto é gíria que expressa o ato de roubar no supermercado.

como racista do que como machista. Isso no sentido de que, em relação às mulheres, se vê em processo de desconstrução e aceita que seu comportamento ainda tem traços machistas, ao passo que aceitar os traços racistas é, para ele, mais doloroso.

Falar sobre o racismo e sobre ser branco com outros homens brancos é o que todos acreditam ser a principal tarefa do homem branco na luta antirracista e antimachismo. Também entendendo que o seu papel é o diálogo com pessoas brancas e outros homens heterossexuais. Para Marcos, isso é mais difícil inclusive do que estar em uma roda de negros e mulheres e escutar sobre machismo e racismo, aprendendo com isso. Segundo ele, seu papel é usar este aprendizado para tentar "conscientizar pessoas que ainda reproduzem este pensamento [racista]". Até porque, para Marcos, talvez o homem branco, ao escutar outro homem branco, leve mais a sério a necessidade de refletir sobre essas questões. E é realmente trazer o debate que vai fazer, para Luiz, com que saíamos da zona de conforto. Sair do conforto de ser ver como um "lixo", entender que nasceu como um "lixo", mas ficar nessa. "Realmente trazer para o grupo de Whatsapp dos teus amigos: 'o meu, eu acho muito palha isso aí que vocês fizeram. É chato que vai entrar no teto de que está conscientizando alguém, mas é isso aí". Para isso, também é importante tática, segundo Luiz. "Não é ficar como chato, porque o parceiro vai te bloquear e acabou o diálogo. É buscar o momento certo e a forma certa de falar".

Pergunto também o que entendem por "lugar de fala". Para Luiz, a princípio é algo cristalino, calcado em algumas regras do bom senso. "Quando você tem um privilégio, não tenta impor nenhum tipo de verdade ou de discursos sobre um discurso vindo de quem é realmente atingido efetivamente por aquilo, principalmente de forma negativa. Agora, na prática, a vida real não é tão clara nesse meandro". Questiona que quando estiver em uma roda de mulheres falando "merdas machistas", você, como homem, vai fazer o quê? Conta que já viu negros reproduzindo discursos racistas e se perguntou o que deveria fazer como branco. "Então às vezes lugar de fala é você não atropelar, mas também tu não corroborar com aquela prática negativa. Mas é delicadíssimo". Para Moreira, a principal questão relacionada a lugar de fala é a consciência do privilégio de ter a voz sempre mais ouvida. É importante, para ele, ao mesmo tempo se questionar e ao mesmo tempo cuidar para não usar esse poder de fala dentro dos movimentos de luta, como o movimento negro ou o

movimento feminista, por exemplo. No entanto, Moreira vê como necessário usar este privilégio fora destes espaços, poder conversar com quem tem que escutar, com aqueles que ainda não tem consciência sobre como podem ser opressores ou privilegiados. Marcos entende que, se há pessoas negras na conversa, não é ele que vai falar sobre racismo.

Vou deixar o lugar de fala com quem tem propriedade para isso. Não sou eu que vou falar sobre machismo se tem uma mulher aqui. Mas se só tem nós, homens, eu posso falar sobre machismo. Ainda mais se vocês estiverem sendo machista (MARCOS).

Moreira discorda, por achar que, em uma roda de negros, o branco pode contribuir para o debate. Luiz concorda com Moreira por entender que sempre tem "alguém para permear". Por exemplo, em um movimento negro que não acolhe gays, ou não escuta as mulheres, vai haver um contraponto sobre a questão de sexualidade ou gênero.

Para Moreira, o que homens brancos e heterossexuais têm que entender é que, ao menos uma vez na vida, eles não são protagonistas nessa relação entre brancos e negros ou entre homens e mulheres. "Você [*homem branco*] não vai ser quem tem a voz mais forte, mas não quer dizer que você não pode falar". Ao visualizar movimentos fechados em si, em que só quem é negro, ou mulher, ou gay podem falar, Moreira cita o caso do vereador Fernando Holiday, que já mencionamos neste trabalho. Segundo ele, este fechamento impossibilitaria que se discutisse com Holiday porque somente ele estaria legitimado a falar, por ser negro e gay, mesmo sendo conservador.

Questiono como eles vêm seus privilégios em relação ao lugar de fala, se se sentem mais à vontade para se expressar. Moisés responde, e os outros concordam, que é mais fácil se expressar, mas não quer dizer que se sintam à vontade para isso. Como assim mais fácil? Marcos responde:

A gente tem mais acesso a nossa voz, tem mais poder digamos assim. Eu não quero ir lá e recitar uma poesia, não me sinto com propriedade para isso e nem me sinto confortável. Mas, se eu fosse negra e quisesse fazer isso, seria muito mais difícil do que se eu quisesse fazer sendo branco ou se fosse uma mulher. É muito mais fácil, como branco heterossexual, eu acessar oportunidades de fala (MARCOS).

Moisés destaca que, no curso de Nutrição, em que, segundo ele, somente 10% são homens, sua voz é mais escutada que a das mulheres. "Quando eu falo, parece que todas ficam em silêncio por ter uma voz grave. Parece que é introjetado, 'escutem o homem'". Moreira traz um exemplo de quando trabalhava no Jornal da Universidade. Durante a produção de uma matéria, mesmo já tendo entrevistado três jovens mulheres, sentia que ainda faltava uma fonte que "passasse credibilidade".

O que era essa fonte de confiança? Um homem heterossexual de 40 anos de terno. A gente está o tempo inteiro estereotipando as pessoas de várias formas sem pensar racionalmente sobre isso. Quando tu raciocina é muito fácil não ser machista, não ser racista. Mas você está o tempo inteiro colocando microrracismos e micromachismos nessa construção que a gente faz das pessoas no subconsciente (MOREIRA).

Para Moisés, é uma experiência nova estar em um espaço onde ele não é maioria, pois, nos lugares que frequenta (Universidade, espaços politizados), "só vê brancos". Questionados se já pensaram em recitar no *slam*, todos, menos Marcos, dizem que sim. Moisés já recitou; Moreira indica que faria no Verso Livre, pois não teria ideias para três poesias; Fernando, o mesmo. Luiz destaca que para um cantor de RAP como ele, o *slam* é muito tentador. "Um desafio muito foda. No RAP tu sobe no palco, na calçada e faz a rima, meio egocêntrico. No *slam* tu é mais um em Porto Alegre. Está ali, é só tu ir. Um dia talvez, deixa todo mundo botar para fora também".

Os participantes concordam que o *slam* é um espaço de resistência e um espaço de protagonismo negro. Para Moisés, por exemplo, é "[...] uma arte, uma poesia de resistência da periferia e das comunidades negras de Porto Alegre". Já Marcos vê como "[...] um espaço de resistência e ao mesmo tempo de organização. É um espaço muito politizado. Muito politizado". Moreira concorda com o protagonismo ser dos negros e da periferia, só que acredita ser de uma periferia que ele chama de "universitária". "O poeta não é aquele cara que largou o ensino médio, por exemplo. É bem minoria". Moisés diz que viu no *slam* várias pessoas negras que estudam na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). "Eu sou extremamente a favor da política de cotas, e que mudou o perfil dos estudantes da UFRGS. Muitas dessas pessoas estão ali no *slam*". Luiz vê como uma "periferia emancipada". Concorda com o protagonismo negro, mas não vê o *slam* como negro:

"qualquer branco pode chegar e fazer também, tem muita mina branca que faz poesia e é muito foda também. O feminismo está cada vez mais tão presente quanto a questão da negritude".

Luiz define o *slam* como um milagre. "Tem gente perdendo tempo para fazer poesia numa cidade cinza, racista, homofóbica, machista, quadrada, violenta para caralho. Ao mesmo tempo dois bairros para o lado tem um cara sendo morto". Para ele, o *slam* é um espaço de "contemplar de ouvido". Segundo ele, o conteúdo em si das poesias ele já era acostumado por causa do RAP. "Eu não precisaria ir no *slam* para receber informações daquele tipo, mas daquela forma não é todo mundo que tem uma história para contar e faz um poema muito foda e se impõem de uma forma... meu, onde chegou, isso aí é um show, tá ligado? E é de graça, uma experiência absurdamente agregadora, instrutiva, bonita, democrática". Moisés destaca o caráter organizativo do *slam*, segundo ele, muito bem feito na questão de horário, de começo e término. Seu comentário sobre uma edição do Slam RS, na Praça XV, centro de Porto Alegre, evidencia o *slam* como um movimento que surge e se dissolve na cidade, característica de uma Zona Autônoma Temporária (BEY, 1985): "Estava cheio de gente, muito massa! Aí acabou e não tinha mais ninguém: todo mundo foi embora ao mesmo tempo. Parecia que nem tinha acontecido *slam*".

É consenso entre os participantes de que o *slam* atrai quem já tem uma predisposição a eventos de rua e a escutar outras perspectivas. Em relação aos entrevistados, todos já tinham visto vídeos das poesias na Internet, por exemplo. Além de ver o *slam* como um espaço de aproximação das comunidades da região, Fernando acredita que quem prestigia tem um perfil "um pouco menos egocêntrico. Elas pensam mais no próximo. São pessoas com a consciência mais aberta. É pré-disposição pois as pessoas vão para lá já pensando coisas mais positivas". Marcos também traz a questão da predisposição ao imaginar como seria a presença de seus colegas de trabalho (da Secretaria Municipal de Saúde). Acredita que não seriam mal recebidos nem se sentiram desconfortáveis de estarem na roda escutando, no entanto eles não estariam dispostos a ir conhecer o *slam*. "Acho que eles não iam ingerir muito bem por ser na rua, por ter rima, por ser pessoas da Periferia. A gente vive numa sociedade dividida, né? Não tem como negar". Moreira concorda. Para ele, todo mundo que fosse aplaudiria, mas são pouquíssimas pessoas que vão sair de casa para um

evento de rua. "Para ele, algo que impulsiona a nossa predisposição é poder ver os vídeos das poesias posteriormente nas redes sociais e prestigiar o quão impressionante foi ter presenciado aquilo". Ele destaca que, mesmo com 400 pessoas no evento de rua, se sumisse das redes sociais, o *slam* não teria a mesma repercussão que tem. Moreira acredita que o *slam* "só existe por ser extremamente viralizável". Os outros concordam, com Moisés destacando o Facebook, mesmo com ressalvas à privacidade e à segurança, como um marco da organização política - vê o *slam* como um reflexo dessa organização. Luiz discorda que os vídeos sejam o *slam*, tanto é que os que viram os poemas pelas redes sociais não sabiam do formato de competição até chegarem ao evento presencialmente. Produto ou o próprio *slam*, fato é que a disseminação das poesias pelo Facebook e Youtube é o que leva as pessoas aos espaços públicos para ver poesia, sendo que a maioria dos vídeos mais visualizados são de poetas negras. Dado que remete a Ribeiro (2017), que vê a Internet como um espaço em que as narrativas negras podem se insurgir contra o apagamento estrutural das histórias deste povo.

No entanto, notei uma divergência no que diz respeito ao como recebem o conteúdo das poesias, dos versos. Para quem, assim como Luiz e Fernando, escutavam mais RAP, o conteúdo não é surpresa. Mensagens com mesmo teor, inclusive com frases semelhantes se davam em músicas do gênero, que para Luiz são "verdadeiras aulas de história, que embasam quem está no ensino médio, que traz consciência para quem não passa ou ainda não passou pela universidade ou por coletivos políticos".

5.5 - A escuta no *slam*

A partir daqui, apresentamos as três categorias que correspondem a diferentes sentidos atribuídos pelos participantes do grupo focal aos sentidos provocados pela experiência de escuta no *slam*.

5.5.1 - Consciência do Racismo e Aprendizado

Os participantes, como já apontei, se encaixam no conceito de “brancos críticos” (CARDOSO, 2014) e, portanto, negam o racismo publicamente e, como vimos, pensam sobre suas posturas em relação a esta problemática. No entanto, as falas dos participantes mostram como a escuta de poesias no *slam* provoca a tomada de consciência e a reflexão sobre atitudes cotidianas racistas que eles ainda praticam (inconscientemente) e, ainda, uma reflexão mais profunda sobre o racismo estrutural da sociedade. As falas sobre o processo de escuta no *slam* indicam que ela produz também um sentido de aprendizado. Para além do racismo estrutural, os participantes se põem em perspectiva e aprendem acerca de sua própria condição de branquitude.

Mesmo, como vimos, não se enxergando como racistas, os participantes admitem que o *slam* provoca reflexões sobre os preconceitos que ainda carregam. Moisés conta que teve um *slam* em que viu um poeta negro, “visual do RAP”, aquele guri que “muitas vezes tu vai encontrar na rua e vai atravessar a rua, tá ligado?”. Tirou essas conclusões, mas se surpreendeu com a propriedade poética que ele tinha. “Eu não lembro dos versos dele, mas foi algo muito poético e culto, parecia que manjava de literatura”. Por este relato, nota-se a surpresa provocada pelo fato de alguém com “visual do RAP” enunciar versos cultos.

Esse movimento de atravessar a rua quando vê um negro é trazido por Bruno Negrão justamente na declamação da poesia que assistimos, projetada em vídeo, durante o grupo focal. Moisés admite que já fez isso várias vezes. Nesta mesma poesia, o Bruno Negrão fala que o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação) dele é difícil de fazer, mas mais difícil ainda é ver um negro na banca de avaliação do trabalho. Diz que poucos se formam e menos ainda chegam a um cargo de destaque. Moreira destaca que não teve nenhum professor negro na sua trajetória universitária. Fernando diz que nunca viu um negro do outro lado de uma entrevista de emprego. Para os participantes, escutar as poesias no *slam* provoca o aumento da consciência sobre atos como atravessar a rua quando vê um jovem negro vindo na mesma calçada, na direção oposta. E também é consenso que provoca reflexões acerca de oportunidades e de desigualdades, do racismo estrutural que vivemos no país.

Reflexões como a de Moisés, que remetem a toda herança estrutural de privilégios e de opressões calcada em uma sociedade escravocrata, contexto que este trabalho traz no capítulo 3:

A gente tem vantagens o tempo todo por ser branco nessa sociedade economicamente e politicamente eurocêntrica. As vantagens não é porque eu escravizei alguém, mas nossos antepassados estiveram envolvidos com isso ou tiveram vantagens também por causa disso (MOISÉS)

Ou a de Luiz, que diz "[...] o sistema te esmaga para o bem e para o mal. Tu vai ter as vantagens de ser branco, mas para o mal vai expressar esse racismo inconscientemente".

Segundo Fernando, um dos principais motivos de voltar ao *slam* é a possibilidade de poder absorver conhecimento de realidades que ele nem sabia que existiam. Aqui, pode-se se entender que o *slam* é espaço de tomar consciência de perspectivas diversas, o que pode fortalecer a relação do Eu com o Outro (JOVCHELOVITCH, 2008) e assim possibilitar a comunicação e a convivência (WOLTON, 2006 e 2010), como está no capítulo 1. Para Fernando, outro logro do *slam*, é o aprendizado e a conexão que se cria com as pessoas. "Ouvir uma pessoa com uma poesia sincera faz conhecer várias realidades que existem ao redor que você desconhecia. É conhecimento e conexão". Fernando vê o *slam* como uma oportunidade de compartilhar, de extravasar o que sente com os problemas do dia-a-dia, e entende que a mulher e o negro enfrentam mais "perrengues" que ele, quem têm mais conteúdo para isso. Escutar sobre estas vivências é algo que pode ser "pesado" e incomodar, como vamos ver na seção seguinte.

5.5.2 Incômodo

Na matéria "*A fragilidade é uma ilusão': como mulheres transformaram suas histórias de violência em arte*", a poeta e slammer Laura Patrón, que traz entre o tema dos seus versos os abusos que sofreu como mulher, comentou sobre como foi a primeira vez que recitou: "Vi homens com uma expressão clara de choque depois de me ouvir falar sobre todos os meus relacionamentos abusivos, alguns até choraram"¹²⁰. Aqui reúno as impressões

120 Trecho da matéria "*A fragilidade é uma ilusão': como mulheres transformaram suas histórias de violência em arte*", do Sul 21, 02 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/fragilidade-e-uma-ilusao-como-mulheres-transformaram-suas-historias-de-violencia-em-arte/>> Acesso em: 20 dez 2017.

dos participantes que se assemelham ao relato de Patrón. São declarações que sinalizam um sentido de deslocamento, afetação, perturbação e incômodo em relação à experiência de escuta do *slam*. Para o grupo, algumas poesias declamadas no *slam* são "pesadas" ou têm teor "agressivo", já que retratam violências diretas contra mulheres ou negros, muitas vezes de forma crua e sem rodeios. Essa categoria, embora relacionada à anterior (tomada de consciência do racismo), corresponde à sensação de desconforto que a experiência da escuta no *slam* pode provocar, à medida em que os ouvintes brancos são confrontados com um discurso que evidencia a violência de que eles próprios são agentes (ainda que de forma involuntária ou inconsciente).

Escutar de mulheres e negros como homens brancos héteros (eles próprios, portanto) são os principais agentes do machismo e do racismo soa, para os participantes, como incômodo ou como uma "pedrada". Moisés diz que já escutou frases como "vocês brancos carregam o sangue da escravidão nas mãos". Ele concorda com a frase, mas diz ser uma experiência "pesada" escutá-la.

Antes do slammer Bruno Negrão recitar, é comum o público ou as apresentadoras do *slam* dizerem "vistam os capacetes que lá vem pedrada". Afinal, ele fala sobre racismo, sobre negritude e sobre branquitude. Fala do preconceito que sofre no dia-a-dia. Escutar sobre isso é impressionante para Marcos, que destaca que as meninas negras, os homens da periferia, estão todo o dia sofrendo assédio e estão ali no *slam* colocando "a cara a tapa", recitando "na cara dos machistas" e de quem usufrui dos privilégios. Fernando diz que ao escutar sobre as opressões sofridas por mulheres, gays e negros, é possível ver "o quanto é fácil ser branco". Moisés vê como "poesia com agressividade". "Quando a gente vai no *slam*, a gente escuta que agora 'senzala vai se rebelar', poesias que eles fazem com essa triste e horrível história do Brasil..." Segundo Moisés, escutar versos assim o incomoda "[...] porque traz muita consciência do que é ser branco".

Pelas experiências compartilhadas, entendo que o incômodo se dá pelo fato de se enxergarem como opressores e também por tomarem consciência da vida privilegiada que o homem branco possui no Brasil. Com o agravante destas mensagens partirem diretamente de quem é oprimido e não de modo delicado, mas na forma de versos agressivos. Neste ponto, é possível voltar ao capítulo 3, que evidencia a necessidade de se criar discursos com

outros referencias, sendo que um dos motivos é marcar o não marcada, como a violência, e assim transferir a responsabilidade ontológica histórica sobre ela (MOMBAÇA, 2017).

No entanto, entendo que os participantes veem este incômodo como parte da experiência que é escutar no *slam*. Aprenderem, tomarem consciência do racismo, sentirem-se incomodados são elementos que os participantes vivem por estarem no público do *slam*. E por estarem ali, mesmo sem recitar, se sentem parte, se sentem convivendo, conforme analiso na próxima seção.

5.5.3 - Convivência

Em algumas falas, os participantes destacam o valor de "estar junto", de estar "compartilhando" um momento de escuta de poesia em um espaço público. Nesta categoria, reúno e analiso as impressões dos participantes sobre o caráter de identidade que se estabelece entre os participantes do *slam*: apesar de todas as diferenças, apesar de alguns recitarem e outros escutarem, todos se identificam como pertencentes àquele tempo e àquele espaço compartilhados, convivendo e construindo um sentido de "comunidade" em torno do interesse pela poesia e por suas temáticas.

Os participantes do grupo focal veem a experiência de ser público como um lugar que os constituem como parte do *slam*. Todos destacam que gostam do fato de o evento acontecer em um espaço público e por sentir que fazem parte daquele grupo de pessoas, mesmo só escutando. Frequentar os *slams* da cidade, em um espaço público, sentar na roda e escutar a poesia a céu aberto, para Fernando e Marcos, tem uma contribuição relacionada à energia criada no convívio daquele momento, o que muito tem a ver com o zelo do silêncio. Por não ter microfone, é um compromisso mútuo o respeito com o poeta, a escuta – pedido enunciado através de placas ou falas usando o mantra "o silêncio é uma prece". Marcos destaca esse sentimento de apoio mútuo pela escuta e do conviver como um "senso de comunidade". Segundo Fernando, a energia do *slam* é diferente devido à proximidade das pessoas.

O mestre de cerimônias do meio da roda dizia para todos sentarem mais próximos, chegarem mais perto. Então, só de as pessoas não se sentirem mal de estarem mais perto do outro é amoroso. É o primeiro evento que houve

tanto amor envolvido de as pessoas quererem ser legais com as outras. E isso fez toda a diferença para mim (FERNANDO)

Mesmo com o deslocamento da fala para a escuta, assumindo o lugar de escuta, os participantes sentem-se fazendo parte do movimento *slam*. Sentem-se compondo uma comunidade no espaço público, escutando a perspectivas de Outros, o que remete ao sentimento de convivência e coabitação (WOLTON, 2010).

5.7 - Considerações gerais sobre a experiência do Grupo Focal

Partindo do levantado na categorização, entendo que o *slam* trata de temáticas agressivas e incômodas para os ouvintes (e provavelmente para os poetas, que vivenciam as opressões ou se inspiram em opressões de pessoas em lugares semelhantes) e retrata, muitas vezes, parte do público, os homens brancos héteros, como os opressores. Ainda assim, é um evento que consegue, mesmo com o clima muitas vezes "pesado", como os participantes do grupo focal disseram, fazer com que haja uma coabitação harmoniosa, uma convivência e até um "senso de comunidade". Para Fernando, o *slam* acaba juntando muita gente com "o pensamento bom", que quer melhorar o ambiente local, o que configura, para ele, como uma organização social da comunidade.

Levando em consideração a revisão bibliográfica deste trabalho e os dados levantados através da experiência do grupo focal e da análise de conteúdo, ao meu ver, a participação do homem branco crítico através da escuta, praticando o que Tiburi (2015) chama de "política de escuta", é um forte elemento que possibilita o espírito de coabitação e convivência (WOLTON, 2010), configurando o *slam* como um espaço de trocas, de aprendizado e de criação de novas narrativas – portanto, como um espaço de comunicação.

6. CONCLUSÃO

Adoro ver esses troxa se pagando
 Chegam de peito estufado
 Nariz empinado
 Gritando alto:
 “sabe com quem tá falando?”
 - Sei. Sim, senhor.
 Tu é bisneto daquele cara que escravizou meu bisavô. (Bruno Negrão)

“Preparem os capacetes que lá vem pedrada”. E, quando Bruno Negrão, Cristal, Nati Gaspa, Mariana Bavaresco, Janove, Rafael Delgado, Afrovulto recitam, a pedrada vem, dói e constrói. Esta é uma das principais constatações deste trabalho, que, através do grupo focal, escutou dos participantes que estar no lugar de escuta durante o *slam* é sentir incômodo, é olhar para si e é aprender sobre o racismo estrutural e pensar sobre isso. Pensar sobre racismo, se ver como branco e agente do racismo, se pensar como um e assumir a existência do Outro. Desconsiderando aqui o distanciamento de pesquisador, foi muito proveitosa a experiência de escutar outros homens brancos falando sobre branquitude, masculinidade, privilégios. Uma conversa produtiva e construtiva, um investimento de tempo para olhar para si e para o todo. A mim, serviu. Os participantes, em conversas de bastidores, compartilharam deste sentimento. Espero que a leitura deste trabalho também sirva ao leitor branco como inspiração de transformação.

É possível andar pelas ruas, cruzar por centenas de pessoas diariamente e se fechar nos “refúgios de identidades” (WOLTON, 2006), como branco usufruindo e protegendo seus privilégios, como negro se protegendo do racismo estrutural, da violência do Estado e buscando a emancipação da sua existência entre os seus semelhantes. A incomunicação entre os diferentes no seu auge, a cidade segregada se estabelecendo. Propor este diálogo não é tarefa fácil, assim como não o é olhar para o Outro, reconhecê-lo. Não tenho, do meu lugar de fala, como propor atitudes em relação a isso para o povo negro e, vimos neste trabalho, o quanto essa população está cansada de ser marcada como o Outro, o diferente, enquanto os brancos são universais. E se o outro forem todos e as perspectivas forem

igualmente relativas, constituídas a partir do lugar social e histórico de onde partem? O negro, as mulheres e os outros possuem tarefas ontológicas, criação de narrativas, ocupação de espaços. E enquanto isso, se formos nós, brancos, a propor e lutar por uma igualdade no diálogo? Vimos neste trabalho que é fundamental assumir as responsabilidades sobre nossa branquitude. Combatendo o racismo estrutural, a violência do Estado e o apagamento sistêmico e, entre os iguais, debater branquitude, nossos privilégios e a construção de uma política de escuta.

Destaco o alerta para apropriação da academia que a poeta e slammer Mariana Felix faz no poema "Queria escrever uma música"¹²¹:

Tento juntar as partes da poesia periférica,
mas quem se apropria dela chega manso,
e nos rouba o motivo pelo qual tanto lutamos.
Sem ter reciprocidade.
As histórias que vivenciamos já estão até na faculdade.
Mas o que eles realmente devolvem para o nosso bairro?
Todo esse povo que me procura para o tal do mestrado.
Não se trata só de fazer história. Estamos mudando realidades agora.
Não me convence que ter título é o que me faz ser gente.
(Mariana Felix)

Comecei este trabalho ciente deste alerta, apesar de que é quase inevitável a apropriação, assim como o racismo cotidiano. Tomei cuidado para não me apropriar do saber negro, periférico, para conseguir um título de jornalista. Não tenho como saber – nem controlar - os efeitos que estas linhas (e de outros autores brancos) tem nas imagens criadas sobre o *slam*. Talvez este trabalho não chegue ao bairro referenciado por Mariana Félix, mas espero que contribua para que outros homens brancos reconheçam seu lugar de fala na sociedade, para que, juntos, consigamos lutar contra o racismo estrutural do Brasil, o que passa, ao meu ver, por reconhecer nossos racismos individuais cotidianos e por aprender a escutar.

Como perspectivas de seguimento a esta pesquisa vejo como melhoria um aumento das referências teóricas sobre branquitude. Vejo como possibilidade de posteriores estudos a investigação de experiências empíricas por parte da branquitude crítica para se desfazer de seus privilégios. O que significa desconstruir o racismo? Assim como o que significa

121 Vídeo de 21 jul. 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2zXfXAP>> Acesso em 9 out. 2017.

desconstruir o machismo? Que comportamento são esses? Também me parece interessante a pesquisa sobre estratégias por parte de jornalistas, escritores e pesquisadores que possam fortalecer o estabelecimento de uma política de escuta. Por fim, interessa-me o tema do silenciamento intencional dos ímpetus de um homem branco como reparação histórica.

Vale ressaltar que a revisão da produção acadêmica brasileira mostrou que os trabalhos, e este está incluído, majoritariamente, se restringem a investigar a branquitude crítica, evidenciando a lacuna de averiguar, analisar e teorizar sobre os tipos de racismos e as particularidades da branquitude acrítica, ou seja, pesquisar pessoas e grupos de orientação de ultradireita (CARDOSO, 2010). Entendo, com um foco antirracista, essa também como uma perspectiva de seguimento de pesquisa e de combate.

Assim como os participantes do grupo focal, concordo que uma tarefa é discutir, estudar o racismo e assumir os privilégios de ser branco em uma sociedade racista, tanto é que propus o grupo focal como experiência para isso. Apesar de considerar que espaços como esse ainda são raros e que é importante disseminá-los, acredito que valha destacar que é provável que quem se envolva com eles sejam brancos-críticos (CARDOSO, 2010), como foi no grupo focal, como é na plateia do *slam*. Questiono, talvez precipitadamente, o quanto esta reunião de homens brancos críticos ou o fato de assumir sua branquitude individualmente não pode, ali na frente, virar um status de “homem branco desconstruído” - assim como ser vegano talvez tenha sido há algum tempo. Com uma condição de quem ainda discute entre os iguais, que mantém privilégios de quem está “à frente” das reflexões, e com isso segue usufruindo das oportunidades e da popularidade na sociedade. Com este “estar à frente” impulsionando competições masculinas. Me parece que devemos estar atentos para não reproduzir o padrão. Talvez o caminho é aceitarmos a proposta de Cardoso (2010) e passarmos a discutir e enfrentar o racismo de homens brancos acríticos, racistas assumidos ou enrustidos. Não deixar somente para os negros o enfrentamento dos supremacistas brancos ou de racistas, muitas vezes infiltrados em instituições públicas, cargos políticos, lugares de poder, o que sustenta com força o racismo estrutural da nossa sociedade. É, por exemplo, questionar e lutar contra os privilégios do Judiciário, do Legislativo, dos Militares deste país. Macropolítica que não deve, ao meu ver, fazer com que desconsideremos questionamentos mais individuais, íntimos, subjetivos. As vantagens de

mijar em pé e o ônus para quem limpa a sujeira, que pode ser quem mija ou não. Neste caso, considerar o fato que, se for uma mulher, é tempo que poderia estar compondo poesias ou discutindo macropolítica porém está limpando sujeira alheia. É não ignorar o fato de pessoas se manifestarem escandalizadas por crianças verem corpos nus de homens brancos em museus mas que não se sensibilizaram com a possibilidade de crianças testemunharem corpos negros arrastados por uma viatura da polícia militar pelas ruas de uma grande avenida, como o de Cláudia Ferreira da Silva.

Busquei me basear em referenciais negros e femininos. Como disse, talvez pudesse ter lido mais autores brancos sobre branquitude. Apesar de ter tirado diversas conclusões, não tenho nenhuma certeza do que disse e, como trouxe na introdução, o que está aqui não é verdade única. Seja através destas linhas, seja através do que foi compartilhado pelos integrantes do Grupo Focal, espero que este trabalho sirva como uma perspectiva histórica do *slam* em Porto Alegre em seu primeiro ano na cidade (o “ano lírico”, salve Afrovulto!) e que contribua no fortalecimento do movimento. Espero que sirva pelo menos para mostrar como pensa, sobre branquitude e lugar de fala, alguém na minha condição de um homem branco universitário. Que sirva para nos situarmos dentro do debate e da luta, ver, dentro deste contexto, em que pé estamos. Que sirva para auxiliar em reflexões sobre o foco da entrega de energia e sobre o cuidado com o silêncio.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia Rosa; TRINDADE, Luiz Valério de Paula. **Análise de ausência de diversidade étnica nos telejornais brasileiros**. Rio de Janeiro: Alceu, 2011.

BALBINO, Jéssica. **Pelas margens**: vozes femininas na literatura periférica. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/321220/1/Balbino_Jessica_M.pdf> Acesso em: 10 out. 2017.

BARBOUR, Roseline. **Grupos Focais**. Porto Alegre : ArtMed, 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W. ; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, nº 1, Manizales, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **A Branquitude e o branco pesquisador do negro-tema**. 2014. Vídeo disponível em: <http://bit.ly/LourençoCardoso> Acesso em: 20 nov. 2017.

COSTA, Joaze Bernardino ; GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Disponível em: <<http://bit.ly/DecolonialidadeEPerspectivaNegra>> Acesso em: 12 dez. 2017.

DALCASTAGNE, Regina. **Um território contestado**: literatura brasileira contemporânea e novas vozes. 2012. Disponível em: <<http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2017.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005. P. 55-70

FERREIRA, Mayra ; VICENTE, Maximiliano. **Eu e os outros em diálogo**: revisitando conceitos sobre comunicação e alteridade. 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2B1okgt>> Acesso em: 4 nov. 2017.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KILOMBA, Grada. O racismo é uma problemática branca. **Carta Capital**, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/201co-racismo-e-uma-problemativa-branca201d-uma-conversa-com-gradakilomba>> Acesso em: 4 nov. 2017.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo : Paulus, 2004.

_____. **Nova Teoria da Comunicação**. Bauru: Unesp, 2015.

MOMBAÇA, Jota. **Ciclo de Conferências Vozes do Sul**: lugar de fala. Lisboa,. 2017. Vídeo disponível em: <<http://bit.ly/BichaQuebraTudo>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em: <<http://bit.ly/MUNANGAGEledes>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

NEGRÃO, B. **E se Jesus fosse preto?** Poesias marginais com Bruno Negrão. Porto Alegre, 2017a.

_____. **Mercado Negro**. Declamação na 5ª edição do Slam Peleia. Porto Alegre, 2017b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s9YDa7PkcTU>> Acesso em: 20 nov. 2017.

PEREIRA, M. J. B. et al. Grupo focal: experiência na coleta de dados do Projeto CIPESC–Brasil. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva – CIPESC**. Brasília: ABEN. 1999. (Série didática: Enfermagem no SUS).

PIZZOL, S. J. S. Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 42, n. 3, p. 451-468, 2004.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala e outros lugares. **Caros Amigos**, São Paulo, 18 mai. 2017a. Disponível em: <<http://bit.ly/DjamilaRibeiroOutrosLugares>> Acesso em: 04 nov. 2017.

_____. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017b.

RIBEIRO, Luz. *SLAM*: a resistência poética e invisibilidade. **Prazer, eu sou!** 8 ago. 2017c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XYug6v_3SwY> Acesso em: 22 nov. 2017.

RIBEIRO, Stephanie. Lugar de fala: o medo branco. **Medium**, 2017d. Disponível em: <<https://medium.com/@stephanieribeiro/quem-tem-o-direito-de-falar-393f3e194bbd>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

SENA, R. R. ; DUARTE, E. D. Contribuições para a construção do percurso metodológico do Projeto CIPESC. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva** – CIPESC. Brasília: ABEN. 1999. (Série didática: Enfermagem no SUS).

SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. 2010.

SOARES, Iarema. “Luedji Luna: minha existência, mais que minha música, é um instrumento de luta”. **Nonada, jornalismo-travessia**, 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/ExistencialInstrumentoDeLuta>> Acesso em: 28 nov. 2017.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Tiago. **A performance na cantoria nordestina e no slam**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, 2011.

TIBURI, Marcia. Política da Escuta-voz, protagonismo e disputa política. **Revista Cult**, 13 dez. 2015. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/politica-da-escuta-voz-protagonismo-e-disputa-politica/>> Acesso em: 26 out. 2017.

_____. Lugar de fala e lugar de dor. **Revista Cult**, 29 de março de 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/lugar-de-fala-e-etico-politica-da-luta/>> Acesso em: 26 out. 2017

WOLTON, Dominique. **É preciso Salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

APRESENTAÇÃO

O moderador se apresenta e explica o objetivo do grupo focal. Logo depois, os participantes se apresentam.

1. Que lugar tem a poesia na vida de vocês?
2. Vocês escrevem, tem alguma poesia de sua autoria?
3. Quando e como descobriram o *slam*?
4. Como foi a primeira vez que assistiram um evento do *slam*? O que sentiram ao escutar os poemas? Lembram o que pensaram naquele momento?
5. Por que decidiram assistir outro(s) evento(s) do *slam*, depois do primeiro? O que os motivou a continuarem participando como ouvintes?
6. Sobre a experiência da escuta no *slam*, o que vocês destacariam como pontos positivos? E, se houver, como pontos negativos?
7. Vocês acreditam que qualquer pessoa do convívio de vocês (amigos, familiares, colegas de estudo ou trabalho) gostaria de assistir ou participar do *slam*? Por que?
8. Como vocês definiriam o *slam*?
9. Vocês mudaram algum pensamento ou comportamento após a experiência do *slam*? Qual(is) e por quê?
10. Vocês se imaginam recitando no *slam*? Se não, por que não?
11. Sabem destacar a poesia que mais tocou vocês no *slam*? Por quê?

Após a resposta destas perguntas iniciais, assistiremos juntos, com uma projeção, o poema de Bruno Negrão. <http://bit.ly/2B8gEV1>

12. Qual a primeira coisa que pensaram ao escutar esse poema?
13. Como vocês se sentem ao escutar este poema?
- 14.. Vocês se consideram racistas?
15. O que vocês entendem por privilégio?
16. Vocês se consideram privilegiados por serem brancos?

Após a resposta destas perguntas assistiremos, o poema de Mariana Bavaresco. <http://bit.ly/2hOzIFl>

17. Como vcs se sentiram ao escutar esse poema?
18. Você se considera machista?
19. Vocês acham que se sentem mais à vontade ou tem mais espaços para falar do que as mulheres e os negros?
20. O que vocês entendem por lugar de escuta?
21. Como vocês se sentem só escutando, e não falando?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O moderador faz um fechamento agradecendo a participação de todas.

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto: “O silêncio é uma prece”: a escuta do homem branco heterossexual no *slam*

Você está sendo convidada a participar desta pesquisa porque já participou da roda do *slam*. Nesta etapa, gostaríamos que você falasse sobre seus sentimentos durante o evento.

Caso você aceite participar desta pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação são os seguintes:

Será realizada uma conversa em grupo, que se chama grupo focal. Os grupos focais são basicamente entrevistas em grupo, cujo foco principal reside na interação do grupo sobre tópicos levantados pelo pesquisador. Os tópicos que serão abordados no grupo falam sobre o lugar do homem branco heterossexual no *slam*, principalmente, no Conexões. Esse grupo será realizado na Comuna do Arvoredo (Rua Fernando Machado, 464) e terá duração aproximada de duas horas. Estima-se a necessidade de um encontro, ou seja, um grupo focal. Porém, pode ser que haja a necessidade de uma nova conversa para esclarecer alguma eventual dúvida. Neste caso, você será contatado. As conversas deste grupo focal, de seis a 12 pessoas, serão gravadas com um gravador de voz, para facilitar o arquivamento das informações, e posterior transcrição que será utilizada exclusivamente com finalidade de pesquisa.

Os possíveis desconfortos associados são relacionados ao tempo dedicado à pesquisa. Caso se sinta desconfortável, você poderá interromper a sua participação. Não são esperados benefícios diretos e imediatos a você pela participação, mas esperamos que os resultados desta pesquisa ajudem a ter um maior conhecimento a respeito do assunto.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso você decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento, não haverá nenhum prejuízo.

Você não terá nenhum custo com relação aos procedimentos envolvidos.

Os dados coletados durante a pesquisa serão sempre tratados confidencialmente. Os resultados serão apresentados de forma conjunta, sem a identificação das participantes, ou seja, o seu nome não aparecerá na publicação dos resultados. As gravações serão destruídas após o término desta pesquisa.

Caso você tenha dúvidas o que queira retirar sua participação, poderá entrar em contato com o pesquisador através do telefone (051) 99800-6482, de segunda à sexta, das 8h às 17h. Ou com o orientador da pesquisa, Basílio Sartor, através do e-mail basiliosartor@hotmail.com.

Este Termo é assinado em duas vias, sendo uma para a participante e outra para os pesquisadores.

Nome da Participante da Pesquisa

Assinatura

Nome do Pesquisador que aplicou o Termo de Consentimento

Assinatura

Local: _____

Data: |_|_|/|_|_|/|_|_|_|_|